LAMPIÃO da esquina

ANO 2/ nº 14
rio de janeiro/julho 1979/cr$ 20,00
● Leitura para maiores de 18 anos

ALÔ, ALÔ CLASSE OPERÁRIA: E O PARAÍSO, NADA?

LULA fala de greves, bonecas e feministas: chumbo grosso!

O movimento louco-lésbico

San Francisco: APÓS A REVOLTA

Bahia de todos os gueis

... e muita bixórdia

LAMPIÃO

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparinho Damata, Jean Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Coordenador de edição — Aguinaldo Silva.

Colaboradores — Agildo Guimarães, Fredirico Jorge Dantas, Alces Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, Zsu Zsu Vieira, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Leila Míccolis, Nélson Abrantes, Sérgio Santeiro, João Carlos Rodrigues, João Carneiro (Rio); José Pires Barrozo Filho, Carlos Alberto Miranda (Niterói); Marisa, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Políbio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova Iorque); Armando de Fulviá (Barcelona); Ricardo e Hector (Madrid).

Fotos — Billy Aciolly, Maurício S. Domingues, Dimitri Ribeiro, Ana Vitória (Rio); Dimas Schitini (São Paulo) e arquivo.

Arte — Paulo Sérgio Brito (diagramação), Mem de Sá, Patrícia Bisso e Hildebrando de Castro.

Arte final — Edmílson Vieira da Costa.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina — Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. CGC 29529856/0001-30; Inscrição estadual 81.547.113

Endereço: Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio. Para correspondência: Caixa Postal 41031, CEP 20.000 (Santa Teresa), Rio de Janeiro — RJ.

Composto e impresso na Gráfica e Editora Jornal do Comércio S.A. — Rua do Livramento, 189/203.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo: Paulino Carcanhetti; Recife: Livraria Reler; Salvador: Livraria Literarte; Florianópolis e Joinville: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda; Belo Horizonte: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda; Porto Alegre: Coojornal; Teresina: Livraria Corisco; Curitiba: Ghignone; Manaus: Stanley Whide; Vitória: Posição.

Assinatura anual (doze números): Cr$ 230,00. Número atrasado: Cr$ 25,00. Assinatura para o exterior: US$ 15.

Maria Brasileira, a Casadoira

O Lampião de carro-chefe, quem diria! Nunca tivemos essa intenção, é claro, mas o nosso ovo de Colombo que foi a "Bixórdia" abriu a cuca de muita gente para o problema da solidariedade e de que ela é muito mais fácil de ser conseguida com festa e descontração. Vejam vocês, depois do nosso show, o Centro da Mulher Brasileira, do Rio, e o Comitê de Imprensa Alternativa também fizeram suas festas. Tudo bem. Em matéria de abertura, fazemos questão de estar sempre na frente; se é para formar um trenzinho para trazer de volta a alegria a este país, estamos aí, de locomotiva, puxando os outros atrás da gente, sem que isso signifique que não trocamos de posição com todo prazer.

O show de mulheres foi batizado de Maria Brasileira. Impliquei de saída com a falta de imaginação desse nome, mas fui lá com toda a boa vontade. Eu sempre acho que as pessoas têm um grão de anarquia e nonsense que fatalmente vem à tona em certas situações. Numa festa, por exemplo. Pois bem: fui à festa das mulheres do Centro esperando vê-las nesse estado de espírito, embora sabendo muito bem que o seu animus animandi é de sufragetes mesmo, pela experiência que vivi no congresso feminista que realizaram em março. De cara, topei com a deputada Heloneida Studart fazendo um comício sobre um assunto qualquer, que nada tinha a ver com a festa. Comprei meu ingresso (80 mangos) e entrei. Tinha gente que não acabava mais, homens e mulheres, todos muito bem comportados, dançando como manda o figurino. Não, minha gente, não fui pra lá imaginando que ia encontrar um bacanal com as pessoas desgrenhadas e subindo pelas paredes, mas também não pretendia presenciar a um forró de roça, com as Marias brasileiras muito subservientes sendo guiadas como bonecas por seus Joões. O que eu queria ver e tomar parte era de um bom e catártico exercício de liberação, ou pelo menos de um bailareco onde as mulheres não fizessem tanta questão de se mostrarem submissas aos seus machos, correndo diligentemente para alimentá-los e matar-lhes a sede.

E o pior foi que, entre uma mazurca e outra, as nossas meninas punham-se a catequizar os muitos incautos que lá tinham ido para se divertir e se viram obrigados a suportar um discurso supostamente feminista, mas que é na verdade a arenga machista que alimenta certa parte da imprensa alternativa sob o rótulo libertário.

Quando se sabe que, aqui mesmo no Brasil, já há mulheres que estão discutindo questões fundamentais como o seu corpo, o direito de usá-lo como melhor lhes aprouver, o orgasmo e outros babados, é deprimente ver tanto esforço gasto para se criar um Centro da Mulher que fica apenas na perfumaria e que se expressa por clichês do início do século. As mulheres têm mais é que vencer o atraso de muitos séculos que as obrigou a ser tão marias, e a festa Maria Brasileira nada fez nesse sentido. Aliás, não foi nem um inocente forró de roça. O espírito era mais de baile de debutante casadoira. Pode? Com a palavra as mulheres libertárias. (Francisco Bittencourt).

Eram os homossexuais astronautas?

Como nós podemos imaginar, nos cursos de Psicologia espalhados pelo Brasil, a disciplina Psicopatologia clínica tem como um dos seus objetos de estudo esta doença chamada "homossexualidade". Desde 1973 a Associação Norte-Americana de Psiquiatria, por exemplo, retirou tal "doença" das suas páginas amarelas... Contudo, no Brasil, até algum tempo, ninguém estava disposto a fazer uma revisão tão justa. Porém, o trabalho do LAMPIÃO e de grupos organizados como o SOMOS começam a mudar este quadro. Em fevereiro deste ano (ver LAMPIÃO n.º 11) tivemos uma Semana de Debates sobre Movimentos Minoritários, promovida pelo Centro Acadêmico das Ciências Sociais da USP, onde o SOMOS teve participação ativa, apesar da resistência primária dos machões brancos que lá estavam.

Agora foi a vez dos estudantes da Faculdade de Psicologia de Itatiba (SP). Descontentes com a perspectiva acadêmica do seu Curso, começaram a manter contatos com um grupo feminista, através do qual souberam da existência do LAMPIÃO e de grupos homossexuais organizados. A partir daí os alunos da disciplina Psicopatologia Clínica convidaram os grupos SOMOS e EROS para um debate sobre homossexualidade, realizado no dia 21 de maio último.

No ano passado, havíamos recebido um convite semelhante, feito por alunos de uma outra Faculdade de Psicologia. Porém, o nosso grupo era ainda muito pequeno e não se sentiu com "barra" suficiente para enfrentar o enfoque "clínico" (isto é, heterossexual) do assunto. Na época, ainda não tínhamos claro que o ponto central de nosso trabalho deveria ser o aprofundamento da consciência de grupo. E, a partir daí, criar a nossa análise, com a nossa linguagem. Foi preciso um ano para que chegássemos a uma conclusão aparentemente tão simples.

Desta vez não hesitamos, apesar de não sabermos ao certo o que se pretendia com o debate. Chegamos a Itatiba, dez pessoas: oito do nosso grupo e dois do grupo Eros. Quase todos perdemos um dia de trabalho, mas valeu a pena. Esperávamos, talvez, uma classe de 50 alunos: defrontamo-nos, porém, com um auditório repleto com mais de 200 pessoas. Ficamos desorientados e sem saber o que iria acontecer. Após os

> *"LOS MUERTOS QUE VOS MATÁIS GOZAN DE BUENA SALUD"*
>
> Teatro espanhol, S. XVI

debates, saberíamos que ali estavam presentes não apenas os alunos da disciplina em questão, mas também quase todos os outros alunos do curso de Psicologia, alguns professores da Faculdade e alguns alunos do curso de Engenharia, que funciona no mesmo prédio. E talvez até um bom número de pessoas que sequer eram estudantes. Todos "interessados pelo tema", claro...

Através de alguns alunos, fomos informados que a proposta de debate seria a seguinte: uma aluna faria a apresentação oral de um resumo preparado pela sua equipe, a pedido do professor; uma "aula" sobre o tema, que seria complementada com uma entrevista gravada com dois homossexuais: uma bicha e uma lésbica. Em seguida seria aberto o debate, com a participação dos dois grupos.

Para nosso espanto, a "aula" foi iniciada com uma advertência aos presentes: aqueles que se comportassem de modo inconveniente seriam retirados do auditório! No fim da manhã, ficamos sabendo a razão de tal "pedido": aquela platéia esperava um grupo de bichas e lésbicas folclóricas. E durante o show esperariam que se confirmassem todos os esquemas "científicos" sobre as "causas" da homossexualidade: nós todos falaríamos de mães dominadoras, pais omissos, filhos únicos e superprotegidos, édipos não-resolvidos etc. etc.

A "aula" foi iniciada em cima de tais chavões. Porém, a nossa resistência não passou de dez minutos. Em primeiro lugar, exigimos que não se generalizassem as afirmações feitas e que ficasse bem claro que as conclusões expostas representavam a opinião de um estudioso sobre alguns casos clínicos, e não uma verdade universal a respeito dos homossexuais. E, em segundo lugar, que se parasse com aqueles raciocínios de nível tão primário e tão banal (e tão repressor). Caso contrário, nos retiraríamos.

Após um ligeiro tumulto algumas pessoas se manifestaram a nosso favor e passamos então às entrevistas gravadas. De saída, verificamos que as perguntas eram extremamente dirigidas pela ideologia "científica" (heterossexual) que quer descobrir as "causas" da nossa "enfermidade". Após a audição, se iniciou o debate conosco, e tais entrevistas foram esquecidas por todos. (Claro, como se pretendia que dois casos pudessem ser generalizados e transformados em "verdade"?).

Todos estavam muito curiosos e a advertência inicial tinha perdido completamente o sentido. As primeiras perguntas foram sobre as nossas opiniões a respeito de "causas" e "curas". Porém, deixamos claro que nenhum de nós estava disposto a tratar de tais temas. Para nós, a homossexualidade é um dado normal e o nosso objetivo básico é a luta pelo direito à nossa sexualidade.

A platéia escutava atentamente as nossas colocações sobre a psiquiatria como instrumento de repressão, a "luta específica" e sua "contradição" com a "luta geral", etc... Além disto, foram feitas diversas perguntas informativas; as lésbicas dos dois grupos se colocaram muito sobre as questões relativas à homossexualidade feminina, a identificação da mulher homossexual com o estereótipo do "machão", a sua dupla opressão dentro da sociedade, etc...

Saímos entusiasmados com a experiência. Após o encerramento, vários estudantes chegaram até nós para um contato mais próximo. E como não podia deixar de ser, um bom número de homossexuais esteve presente, alguns deixando claro a sua solidariedade conosco, outros deixando do nosso "olho clínico" perceber...

Para a confraternização final, um grupo de estudantes nos convidou para almoçar e trocar idéias e experiências e telefones e endereços. Como naqueles versos do teatro espanhol, os "doentes" mostraram mais uma vez a sua ótima saúde...

GRUPO SOMOS
Caixa Postal *N.º 22196*
01000 SÃO PAULO

A revolta de San Francisco

Em novembro de 1978, o ex-policial e ex-vereador Dan White assassinou à queima-roupa o vereador Harvey Milk (homossexual representante da comunidade guei de San Francisco) e o próprio prefeito local, George Moscone (ver *Lampião 8*). Isso ocorreu em meio a uma crescente violência anti-guei da parte de policiais e de bandos de adolescentes que se divertiam surrando bichas anônimas, nas ruas; parecia a culminância da campanha de Anita Bryant contra os homossexuais. Em função disso, a comunidade guei de San Francisco organizou-se e garantiu o direito das bichas e lésbicas, por exemplo, trocarem afeto em público. Além disso, os homossexuais passaram a carregar apitos para, em caso de emergência, assobiar e pedir socorro — algo que as feministas já vinham fazendo há muito tempo, para precaver-se contra os estupros noturnos tão comuns nas cidades americanas.

Em maio de 1979, explode a revolta desses mesmos homossexuais, contra a sentença dada a Dan White, considerada insultante; apesar de todas as evidências ele recebe a pena mínima: 8 anos de prisão, com direito a liberdade condicional depois de cinco anos. O corpo de jurados aceitou a alegação da defesa, de que White fora vítima de uma profunda depressão e nervosismo, pois se alimentava muito mal, consumindo compulsivamente coca-cola e *junk-foods* (alimentos sintéticos e enlatados de supermercado); segundo o psiquiatra Martin Blinder, testemunha de defesa, a excessiva concentração de açúcar nesse tipo de comida teria provocado um desequilíbrio químico no cérebro do assassino, deixando-o fora de si — o que justificava a alegação de "responsabilidade mental diminuída" que a defesa apresentou. Como mais tarde diziam os homossexuais, aos gritos, a culpada fora a coca-cola...

Foi dentro desse contexto que parte da comunidade guei se revoltou: em seis horas de distúrbios, 1 milhão de dólares em prejuízos a imóveis públicos, muitos carros queimadoos, 119 pessoas feridas — das quais 59 policiais. Não há dúvida que a rebelião resultou tanto de um crescimento da consciência de oprimido quanto do aumento da violência instituída. Aliás, durante os distúrbios, a polícia estava movida por algo mais do que o mero cumprimento do dever, quando perseguia os homossexuais aos gritos de "Vamos recuperar a cidade!" ou então invadia os bares gueis dando cacetadas e berrando "Fora daqui, viados filhos da puta". Por tudo isso, a revolta parece estar à frente do seu tempo; deixa claro que os homossexuais não pretendem perder o espaço que conquistaram até aqui, com suas lutas. A tendência será, portanto, uma resposta cada vez mais à altura da repressão exercida pelo sistema — algo parecido à situação dos negros, na década anterior.

Por outro lado, os homossexuais americanos perceberam que, quanto mais se manifestam, mais cresce a repressão — e isso não acontece só nos Estados Unidos (que o diga o ex-ministro da Justiça Armando Falcão). O episódio da morte de Harvey Milk e de outros homossexuais menos conhecidos, mortos em plena rua, são muito significativos, em última análise, da filosofia do "faça mas não diga; senão apanha". Mesmo a participação direta dos homossexuais na vida política americana já merece alguns pontos de reparo: por exemplo, a maneira como o sistema "democrático" manipulou as lésbicas e bichas enquanto minas de votos; sobretudo numa cidade como San Francisco, com forte concentração de homossexuais (as últimas estatísticas mencionam 1/4 da população), os políticos não poderiam ignorar sua existência, chegando mesmo a adulá-los para efeitos eleitoreiros. Entretanto, a sentença a Dan White mostra muito bem como o sistema continua inalteravelmente agressivo; basta lembrar que o juiz proibiu a participação de gueis no corpo de jurados para o caso White; evidentemente, ele falou em garantia à "neutralidade", coisa que sem dúvida não havia nem haverá nunca, nessas condições. Assim, os homossexuais já podem perceber hoje que foram usados simplesmente para manutenção do *statu quo*, mesmo que tivessem intenções opostas.

Finalmente, pode-se dizer que o episódio da revolta é uma evidência de como faz sentido a aliança entre os vários grupos socialmente discriminados, inclusive a classe operária. Compreendida como parte de um contexto, a luta dos homossexuais torna-se comum aos vários grupos contestadores da desordem social. Assim também aumenta a participação de organizações homossexuais na luta das feministas, dos *chicanos*, dos movimentos antinucleares e ecológicos, dos boicotes contra governos ditatoriais, etc. Cresce a consciência de que a opressão que atinge a todos, em níveis diferentes, tem origem nas mesmas fontes. Felizmente, as esquerdas americanas vêm compreendendo cada vez mais essa necessidade. Daí a presença de heterossexuais brigando lado a lado numa revolta que só aparentemente se restringia aos homossexuais. (*João Silvério Trevisan e Jim Green*).

Nas ruas, no calor da hora

21 de maio de 1979

18 às 20 horas

Espalha-se a notícia de que Dan White foi condenado com a sentença mais leve possível. Em protesto contra o veredicto escandaloso, a comunidade guei de San Francisco organiza uma passeata convocada pelo grupo "Lésbicas e gueis contra a pena de morte" (a pena de morte está em vias de ser reintroduzida na Califórnia). A manifestação que começa no cruzamento das ruas Castro e Market, em pleno coração do bairro homossexual da cidade é composta de umas 300 lésbicas e bichas, mas vai crescendo sem parar, de maneira sempre pacífica; são inclusive auxiliados pelos guardas de trânsito que param o tráfego para permitir-lhes passagem. Vão descendo até o prédio da Prefeitura, gritanto slogans e fazendo ruído com seus apitos de defesa.

20 às 23 horas

Diante da prefeitura, a multidão já soma 3.000 pessoas; o número aumentou rapidamente para 5.000 manifestantes. (Nesse mesmo local, milhares de homossexuais tinham realizudo uma vigília de velas acesas, em silêncio, na noite do assassinato de Harvey Milk.) As pessoas começam a fazer fogueiras no parapeito das enormes janelas térreas do prédio da prefeitura. Dentro, os vereadores estão em sessão ordinária com a prefeita Diane Feinstein; suspendem a reunião mas não conseguem sair. Lá fora começa o tumulto: manifestantes arrebentam portas e janelas, ao mesmo tempo que três carros da polícia são incendiados; até o final da noite, todas as vidraças do imenso prédio estarão quebradas. Os bombeiros ficam a postos dentro do prédio; mas a multidão é grande demais e muito numerosos os focos de incêndio para que eles consigam agir com eficácia. No final da manifestação, a praça está tomada por 10.000 manifestantes. 12 a 15 carros da polícia são queimados, além de motocicletas policiais e carros dos freqüentadores da Ópera, próxima dali. Com os vereadores ainda presos dentro do prédio, parte da multidão começa a gritar "Morte a Dan White" e "Abaixo a prefeita Feinstein", enquanto outros tentam acalmar os mais exaltados. O vereador guei Harry Britt (substituto de Harvey Milk) dirige-se à multidão pedindo calma, mas é veementemente xingado, sobretudo de "fantoche". Em todo caso, já havia antecendentes contra ele: certos setores homossexuais, em especial as lésbicas, não aceitaram que Britt substituísse Harvey Milk, por acharem que ele teria um "acordo secreto" com a prefeita, sem antes consultar a comunidade guei. Britt era um dos quatro nomes sugeridos por Milk numa fita que deixara gravada para o caso de ser assassinado (assim como Martin Luther King, ele previa essa possibilidade); mas a assistente de Milk, Ann Koeniberg, um dos outros nomes

O povo guei invade a prefeitura de San Francisco

mencionados, contava com apoio muito maior dos homossexuais da cidade. Também a vereadora pró-guei Carol Ruth Silver tenta fazer a multidão se acalmar, mas é recebida com uma pedrada que lhe valeu vinte pontos no rosto. Certos grupos homossexuais se mantêm afastados, lamentando a exploração de violência e dizendo que Milk certamente não teria aprovado tal reação. Nem assim é possível conter a multidão, que grita por vingança, em nome de Harvey Milk.

23 às 24 horas.

A polícia insiste que as pessoas abandonem a praça. O público não obedece. A partir das 23h10min, a polícia recebe ordem terminante de esvaziar a praça, não importa como. Os policiais invadem o local, formados militarmente e em passo marcial, com cassetetes desembainhados. A multidão resiste e se senta pelo chão. Os grupos de policiais passam a atacar os manifestantes a golpes de cassetete; também atiram bombas de gás lacrimogêneo e arrastam as pessoas à força. Cria-se pânico no local, com gente fugindo pelas várias saídas da praça. Todos os canais de TV cobrem minuciosamente a manifestação. Um deles chega a transmitir ao vivo. Antes da queima dos carros, uma emissora classifica a rebelião de legítimo "protesto não-violento". Outro canal noticia que um dos seus repórteres tinha sido atacado por um homossexual, mas se apressa em pedir desculpas ao descobrir que o agressor era um policial. De fato, os policiais não poupam sequer os jornalistas, e atacam violentamente toda uma equipe de televisão.

Após meia hora de luta, a manifestação termina e a praça está vazia. Os manifestantes deslocam-se para o bairro homossexual e para a região das boates, o chamado Tenderloin. Nesse meio tempo, o vereador Harry Britt comparece a um programa de televisão. O entrevistador tenta fazer com que ele apresente desculpas à população pela violência dos homossexuais. Britt responde que os homossexuais não consideram justa a sentença dada a White, que recebera uma condenação leve justamente por ser um representante legítimo da sociedade branca opressora; caso pertencesse a qualquer grupo chamado "minoritário", teria sem dúvida sido tratado com muito maior severidade. Britt diz também que o assassino White constitui um exemplo típico da incessante violência mantida contra os homossexuais que, desde a morte de Milk, têm sido cada vez mais reprimidos pela polícia. Nesse sentido, um veredicto mais justo certamente significaria um alívio para a comunidade guei. Ele lembra que o juiz não permitiu a participação de homossexuais no júri. Em resumo, a sentença contra Dan White apenas vinha, segundo ele, legitimar a matança (virtual ou não) dos homossexuais. Conclui dizendo que os homossexuais já estão cansados de reagir pacificamente à repressão policial; agora, a violência desse veredicto é que provocou a violência da comunidade guei; pois existe um momento em que os oprimidos se cansam de agüentar e explodem de um modo ou de outro. Exatamente com o movimento negro, o movimento homossexual, premido pela necessidade, passou de uma fase não-violenta para um período violento. Ele, portanto, não vê motivos para pedir desculpas pela violência dos homossexuais.

24 HORAS EM DIANTE

A polícia invade o bairro residencial guei, fechando mais ou menos 50 bares entendidos, para "limpar a área". Declara-se a região em estado de "emergência pública". Pelas ruas centrais do bairro, existem agora muitas pessoas machucadas, fugindo ou acuadas pela polícia.

Os policiais invadem também a região das boates, para onde os manifestantes tinham igualmente se dirigido. Aí ocorrem resistências frontais e luta aberta contra a polícia: os freqüentadores do local, não necessariamente homossexuais, engrossam a revolta, em represália contra as sucessivas batidas policiais na região. Se antes essas pessoas corriam da polícia, agora passam definitivamente a enfrentá-la, sobretudo com pedras. Como a força policial regular parece não ser suficiente, vêem em socorro a polícia rodoviária e os guardas florestais, para reforçar a repressão. Segundo disse a própria prefeita Feinstein numa entrevista coletiva, a partir da sentença dada a White, a alegação de "responsabilidade diminuída" poderia ser sistematicamente utilizada para diminuir a sentença de qualquer assassino; e acaba pedindo que as leis sejam mais rigorosas, pois o sistema judicial se mostrara verdadeiramente ineficaz. Entretanto, todo mundo sabe que ela também é a lei. Durante a passeata e posterior desordem, um repórter perguntava "porque as pessoas estavam protestando na prefeitura e não na corte judicial, que era a verdadeira responsável pela sentença". Ele próprio deu a resposta: os homossexuais com certeza sentiam que a prefeitura "tinha responsabilidade no curso dos acontecimentos". E não se tratava de uma "responsabilidade diminuída".

22 DE MAIO DE 1979.

Já com muita antecedência, a comunidade guei tinha programado comemorações a essa data. É que hoje, Harvey Milk teria completado 49 anos, caso estivesse vivo. À noite, uma passeata de 4.000 lésbicas e bichas percorre pacificamente as ruas da cidade. Dançam, bebem e cantam "parabéns a você, Harvey Milk".

Fran Tornabene

(*tradução de João Silvério Trevisan e Jim Green*)

Passe as férias na Bahia...

Salvador ainda é, para a minoria de brasileiros que pode se dar ao luxo de viajar, o paraíso das férias. Para os homossexuais, no entanto, a cidade nem sempre funciona — se não se tem um guia, um cicerone, acaba-se passando por lá sem descobrir a vida guei, que lá é fervilhante mas camuflada. Guia e cicerone baiano, para essas férias de julho, nós já temos; é o Fabíolo Dorô, *habituée* da seção "Cartas na Mesa", que, com seu verdadeiro nome, assina este mini-roteiro de Salvador guei que publicamos abaixo.

Junto com o roteiro que Fabíolo (aliás, Paulo Emanuel) nos mandou, uma sugestão aos leitores interessados em divulgar os encantos de suas cidades: mandem roteiros desse tipo, e nós publicaremos. Quem sabe não estará aí o ponto de partida para a elaboração do famoso *gay-guide* brasileiro que tanto nos cobram? Ao trabalho, moçada: mirem-se no exemplo do Fabíolo.

●●●

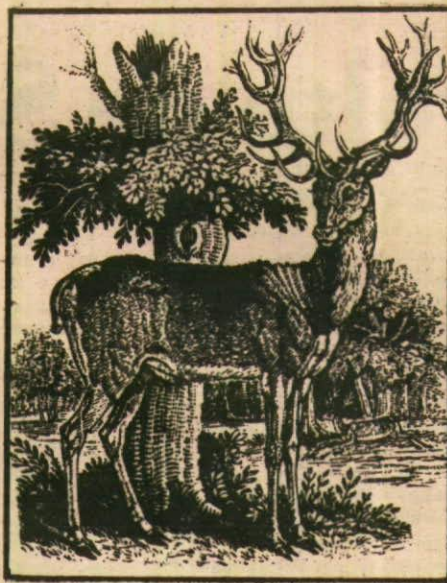
A porta do Teatro Castro Alves foi descoberta no verão passado, entre os shows de Caetano, Simone e outras. Os gueis invadiram e formaram o "clube da escada". Aí, os grupos de amigos homossexuais (masculinos e femininos), bem como pessoas simpatizantes e do meio artístico em geral, se encontram. São quase sempre estudantes universitários ou secundaristas, mas pode-se ver, entre um e outro, gueis maduros, de 30 a 40 anos, que estejam direta ou indiretamente ligados a esses mais novos.

Perto daí, no bairro de Fazenda Garcia, logo no começo, há um "beco" onde um francês inaugurou também pela mesma época do verão um barzinho e restaurante. O barzinho era freqüentado pelos do "clube da escada" e por outros gueis, em geral classes B e A, que desfilavam os seus mais recentes modelos via Paris ou mesmo Iguatemi (shopping center). Com o tempo, o francês viu que era preciso atingir a classe média e, no mesmo beco, inaugurou-se um outro bar. Este é melhor e mais humanizado que o outro, e aí freqüentam muitos estudantes e pessoas menos favorecidas financeiramente.

De uns tempos para cá, os certinhos descobriram o beco, mas não chegaram a invadi-lo. É um lugar onde os gueis assumidos podem se sentir bem, e os outros, mais enrustidos, não chegam a se sentir mal. Para quem estiver interessado: pode-se até namorar. Nunca houve repressão exterior, o que houve era quase sempre "auto-repressão".

Para gueis mais "barra pesada" (não há discriminação no tempo: somos todos iguais na noite, e no dia também), existem bares na Rua Carlos Gomes (centro) onde se pode encontrar companhia e bebida barata. Perto daí, inclusive, há ruelas escuras, onde se acham pessoas fáceis de serem "caçadas". É claro que é muito perigoso, mas vai a opção de qualquer jeito, para quem gosta e quer procurar no parceiro um possível carrasco.

Nos bairros da Vitória e Barra há também bares para gueis classe A. É óbvio que neles se misturam hetero radicais, e é um ambiente hipócrita, onde ninguém pode assumir. A barra é na minha opinião pesada, e os preconceitos — apesar de aparentemente não existirem — são fortes.

Duas boates já são famosas e freqüentadas: Holme's e Safari. Uma na Gamboa de Cima, a outra na Carlos Gomes, defronte o Beco Maria da Paz. Fáceis de encontrar, e lugares para gueis de cultura importada (by John Travolta e outros) e mais velhos, já clientes desde há muito.

No Terreiro, Pelourinho e adjacências, é fácil a pegação barra pesadíssima, com michês. O guei-machismo aí é super-difundido. Há hotéis também, mas eu não cito nem aconselho: é bem provável se amanhecer no Paraíso no dia seguinte. Na minha modesta opinião, o clube da escada é o melhor local para quem vem de fora. Todo mundo ali aceita todo mundo (há exceções raras) o mundo hetero, com suas normas, não aparece entre os homossexuais, como é comum acontecer nos lugares entendidos. E ainda tem o fato de que se encontra aí pessos de nível cultural alto, com quem se pode, além de transar um ótimo relacionamento sexual, trocar idéias, sensibilidades, talentos, vida. (Paulo Emanuel).

Um crime para não esquecer

No início do mês de maio, nós, pessoas ligadas ao Cinema Brasileiro, recebemos, estarrecidos, a notícia do assassinato do maquilador e diretor de produção Alphonsus Manoel Barros, menos de 40 anos, uruguaio radicado no Brasil, um dos mais competentes profissionais da área de publicidade — onde se tornou famoso e querido.

Para as pessoas de cinema em geral, o desaparecimento deste profissional em circunstâncias "misteriosas" foi um choque. Agora para nós, pessoas de cinema, porém ligadas ao movimento guei, foi mais uma ameaça e um diagnóstico da doença social em que vive mergulhada a Sociedade brasileira. Diagnóstico comprovado através da pouquíssima importância que a imprensa do sistema deu ao caso. O Jornal do Brasil, por exemplo, publicou uma noticiazinha na página de crimes e anúncios religiosos, e deu por encerrado o assunto, como um fato consumado. Tipo "bicha morta, bicha posta". Mas até, talvez, seja melhor do que, por exemplo, os comentários (que desta vez não pintaram) do "Pasquim" por ocasião do assassinato do gênio Santo Pier Paolo Pasolini, sob a forma de uma "fotonovela" grotesca e incitadora do esquadrão mata-bicha.

Alphonsus foi encontrado degolado, pés e mão amarradas, nu, jogado na banheira; seu rosto irreconhecível por supostas porradas que mancharam de sangue as paredes de sua casa. "Aqui estamos nós, a violência" — era o que estas manchas pareciam querer dizer. Seu apartamento foi saqueado, e seu carro roubado, foi encontrado dias depois, na Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana.

Segundo o detetive Jamil Warmar (o mesmo que desvendou o caso Cláudia e foi misteriosamente afastado), Alphonsus foi assassinado por dois indivíduos que já o conheciam. Enfim, detalhes policiais que apenas ilustram mais um crime. O que me leva a ressaltar a importância desse acontecimento, e que me estarreceu, não é, talvez, a forma como a violência foi deflagrada, como em inúmeras outras vezes, mas o condicionamento que faz a Sociedade — e inclusive nós, do mundo guei — silenciar sobre um crime, apenas porque neste transparece a situação homossexual. Um caso desses mereceria da imprensa e, conseqüentemente, do Sistema, a atenção que mereceram os casos de Cláudia Rodrigues, Araceli, Aida Cúri, etc...

Talvez até o caso Alphonsus — na sua forma — tenha sido mais atroz, pelos detalhes acima citados. Mas como se trata de um homossexual, é "natural" que a nuvem do descaso apague o crime e o lance ao esquecimento. Essa mesma sociedade permissiva — e, de uma certa forma, homicida — estimula novos e novos crimes. Os assassinos de Alphonsus estão por aí. Não precisaram e não precisarão fugir para a Suíça. Receberão as medalhas anônimas do esquecimento, e continuarão nas fileiras dos esquadrões mata-bichas, incólumes, cobertos pela capa protetora da Sociedade heterossexual.

E nós, cuja "mãe" nos atira ao gueto das ruas escuras da noite, continuaremos desprotegidos, vítimas em potencial de criminosos que se alimentam desse generoso anonimato, procurando individualmente nos defender, com as armas ímpares que nos couberem. Qual o homossexual que não viveu ainda uma situação à beira da morte? A Justiça, os tribunais, os hospícios — "a muralha chinesa da Sociedade", como dizia Oswald de Andrade — existem para classificar a nossa "anormalidade", condenar os nossos direitos de sermos gente, perseguir a nossa imprensa específica e marginal. Homossexual, malgré a Sociedade, também é família. Exigimos que casos como o de Alphonsus sejam esclarecidos, que as autoridades e a imprensa reconheçam que, sem ser moça de família, homossexual também é gente. (Luís Carlos Lacerda)

Nova mensagem para a mulher: "conforme-se"

"Mulheres, o novo programa diário e vespertino da Rede Tupi, se propõe a ser diferente. Devemos abster-nos de rotulá-lo *feminista*, palavra aparentemente proibida: não vá seu uso assustar parte da pretendida audiência. As intensões do programa? Excelentes. O mais importante é que o programa divulga informações sobre os direitos femininos relativos a família e trabalho, discute acontecimentos que podem interessar à mulher, valoriza a participação da mulher na História e apóia movimentos reivindicatórios nos quais há mulheres envolvidas.

É promissor ver mulheres apresentadas como elas são na vida diária, ao invés de versões embonecadas pela imaginação masculina. Positivo também que o programa seja totalmente realizado por mulheres, envolvendo um grande número de mulheres de várias classes e profissões. Nos é apresentada uma imagem de mulheres um grande número de mulheres de ativas, capazes, autoconfiantes, em posições de liderança, opinando sobre assuntos do momento, participando das mudanças sociais.

Mas, além de culinária, prendas domésticas, educação de filhos, moda e beleza, podemos incluir entre os assuntos aceitáveis masturbação, orgasmo, fantasias sexuais, perda de virgindade e métodos anticoncepcionais. Quem sabe mesmo poderíamos, num futuro próximo, acrescentar à lista o sexo antes do casamento e o aborto?

É claro que o programa investe contra mitos, mas apenas os velhos e gastos. Somos informados, por exemplo, de que os perigos do sexo e da lavagem da cabeça durante a menstruação são tabus de fundo supersticioso, e não verdades científicas. Só neste nível o programa se permite expor e condenar, mais do que passivamente lamentar, o machismo de nossa cultura. De qualquer forma — diriam os otimistas — não seria o programa uma saída? Fico pensando... Ousaríamos decifrar a mensagem disfarçada em novo figurino? Será possível que estejamos engolindo a mesma velha estória?

A julgar pelo programa, nossa sobrevivência depende de nossa capacidade de ajustamento e conformismo. Aconselham-nos: "Não pense tão profundamente. Não critique tão violentamente. Pode ser fatal perguntar por quê. Nem sequer fique com raiva: a cólera não é elegante. Amargura não é uma emoção legítima. Em caso de erro, a culpa é sua, não de sua família ou da sociedade". Convidam-nos a mudar da "Cláudia" para o vídeo para, no fim de tudo, descobrirmos como ser uma boa mulher. Procuramos fórmulas tentamos apreender a fazer as coisas certinho para evitar conflitos, para assegurar amor e felicidade.

A TV vem nos dizer que o lugar da mulher é TAMBÉM (e não apenas, é claro) na cozinha. Desvia-se, portanto, o enfoque, para ensinar às mulheres o preparo de refeições simples em apenas dez minutos (será mesmo?) E daí? Daí que isso ainda é nossa responsabilidade: a cozinha, como vemos, é ainda tarefa feminina. Mais ainda: somos encorajadas a conversar com o marido sobre eventuais problemas de nossas relações sexuais com ele. Melhor do que inventar uma mentira, recomenda-se que contemos a verdade quando simplesmente não estamos a fim de ir para a cama. Mas, o que não somos encorajadas a fazer é explicar porque fazer sexo, com ele, não é lá uma maravilha.

Propõem-se questionários para descobrirmos se somos ou não ciumentas. As que marcam um escore baixo recebem um tapinha nas costas e a informação de que suas relações conjugais devem ser prefeitas, harmoniosas e felizes. As que têm um escore alto são advertidas de que devem tentar controlar o ciúme para o bem... de seus próprios maridos. Não somos encorajadas a questionar porque somos ciúmentas, ou se, de fato, há razões para o ciúme. Os questionários continuam: "Você conhece bem o seu marido?" Será que então *nós* podemos nos questionar se esta responsabilidade é só da mulher? Não é recíproca? Mas quem é que pergunta aos homens se eles nos entendem?

Na soma final, as mulheres parecem ser muito mais passíveis de culpa. Dizem-nos que temos o direito de defender nossa privacidade, nosso próprio espaço; no entanto, quando reagimos violentamente à intrusão agressiva do marido naquele nosso espaço, informam-nos que estamos adotando um comportamento masculino, que seria melhor procurarmos respostas alternativas. Seria a agressividade feminina de alguma forma menos inerente e natural que a masculina?

Uma mulher jovem e atraente escreve que depois do casamento, seu marido começou a chegar cada vez mais tarde em casa, reclamando que o papo dela era chatíssimo, e que quando ela engravidou, ele abandonou-a definitivamente, embora ela tivesse sempre sido uma dona de casa leal e dedicada. E (pasmem!) as respostas da psicóloga não questionam o marido: ao contrário, diz à esposa que ele deveria ter mantido sua individualidade e cultivado interesses além do doce lar para que o marido não se entediasse com ela! Há ainda a carta de uma mãe de duas adolescentes que narra (decerto entre lágrimas...) que, enquanto ela tinha feito sempre tudo por sua família, sua filha mais velha, subitamente tornou-se hostil para com ela e seu marido tornou-se excessivamente e injustificadamente ciúmento. O relacionamento familiar deteriorou-se a ponto de chegar ao divórcio, sendo as crianças confiadas à avó. Sozinha e doente, a missivista pergunta o que aconteceu. Lá vem de novo o psicólogo, explicação que a mulher realmente parou de viver, vivendo apenas em função de sua família. Como consolo, sugere que a consulente reexamine seu passado para tentar descobrir quando tudo começou.

Em ambos os casos, a mensagem é a mesma: nós, mulheres, somos responsáveis. Dizem-nos para não ficar zangadas amargas ou violentas. Quando as coisas ficam pretas nós não devemos achar injusto; devemos é olhar para trás para vermos o que fizemos de errado. Se fôssemos melhores esposas os casamentos não ruiriam...

Mas... não é razoável e legítimo ficar zangada quando as regras do jogo mudam no meio da partida? Cumprimos a nossa parte no contrato: fomos donas-de-casa esforçadas, sacrificamo-nos pela família. De repente, quando isto não é mais suficiente, nós é que sofremos? Se nossas táticas de sobrevivência não funcionaram, precisamos recompor-nos e tomarmos a iniciativa de inventar novas formas para adaptarmos à nossa situação? Exigência tirânica e cansativa esta de adaptação! Será que não temos o direito de ofender-nos e criticarmos duramente a sociedade que nos força a jogar este jogo? Por que as mulheres devem ser sempre super-homens?

Com tantos mitos intatos, não estamos fadadas a uma eterna repetição? Podemos sentir-nos desconfortáveis, descontentes mesmo. Ainda assim, evitamos o confronto direto com o problema real. Nega-mo-nos obstinadamente a admitir os nossos mais profundos sentimentos. Evitamos perguntar por quê. Tememos que, se ousarmos, as conseqüências seriam explosivas demais e, de qualquer jeito, o esforço requerido exigiria muita angústia. Provações não são particularmente divertidas, nem a sociedade aprova os que passam por isto (Cuidado: o caminho conduz ao isolamento ou à loucura).

Assim, nossa busca da verdade é deslocada. Não gostamos de admitir que enquanto os princípios básicos ficarem intocados os sintomas que manifestamos serão silenciosamente reproduzidos *ad infinitum*. É muito mais difícil inventar ou criar alguma coisa original do que continuar repetindo. No último caso, somos recompensados com sorrisos e aprovação social. No primeiro — dado que a invenção implica em denúncia e destruição — geralmente sofremos.

Infelizmente, a lógica comercial da TV adere ao sorriso e à aprovação da sociedade.

Susan Besse

Um beijo é um beijo

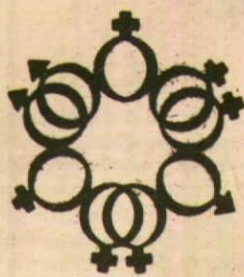
É isso aí: se dois lampiônicos se atrevessem a repetir o gesto acima diante dos olhos de algum subalterno do ex-dr. Falcão, certamente veriam acrescentado um agravante no inquérito a que respondem por "ofensa à moral e aos bons costumes". Mas o beijo que Brezhnev tascou na bochecha de Jimmy Carter, após a assinatura do Tratado Salt-2, pôde sair nas primeiras páginas de todos os jornais do mundo — afinal, os dois, minutos antes, estavam falando de possantes e fálicos foguetes com ogivas nucleares. Não estamos nós a fazer o jogo do opressor, ficando escandalizados com o beijo trocado entre Carter e o premier soviético. O que fazemos é utilizar este beijo especial para mostrar o quanto um beijo é trivial, inclusive entre homens: duas pessoas se tocam, e na riqueza de significados desse toque só não cabem as alternativas escandalosas dos supostos defensores da moral.

Ao Pasquim, com carinho

Os homens do Lampião saúdam os heteros do Pasquim pelos seus dez anos de serviços prestados... Não, esse não é um bom começo pra um laudatório ao heróico Pasquim na festa de aniversário de sua primeira década. Quem sabe a gente fala do Sig, símbolo da raça, meio bofe, meio bicha, barrigudo como um nordestino, de orelha em pé pra ouvir tudo o que se diz por aí, ratinho de borracha que leva porrada e está sempre em pé. Será o Sig resultado deste Brasil tão louco dos últimos anos, sem-vergonha e de cara limpa, o filho que todos nós queríamos ter, mas que coube ao Jaguar parir? Ou será o Tarzã do Ziraldo, de culhão ardente, arrastando a Jane, o retrato do Brasil? Ou o Brasil é o Fradim, o Zeferino, o Bode, a Graúna? Pra mim, cada brasileiro (menos o Dr. Armando Falcão, naturalmente) tem um pouco de cada um deles: descarados, ingenuamente heróicos, aporrinhadores, cínicos e sempre dizendo que a esperança é a última que bate as botas.

Pro pessoal mais novo, que não passou pela maravilhosa experiência de sentir uma sensação de esganadura cada vez mais forte, até se transformar numa deliciosa falta de ar que, pouco a pouco, ia nos deixando roxos e rebentando (ou arrebentando?) nossos pulmões, o Pasquim talvez não seja tudo aquilo que ele representa pra nós, as putas velhas, que ao rodar a bolsinha e ao dar a volta por cima tínhamos de fingir que estávamos treinando arremesso de disco. O Pasca, quando apareceu, lavou a alma de todo mundo. Ninguém acreditava que pudesse durar muito e, vejam vocês, ele continua aí, firme, resistiu a todas as psicoses, foi-se modificando com o tempo e entrou nesta nova era (calma, não estou falando da Abertura) em que as minorias saíram à luz e se colocaram no que parece ser um campo oposto ao dele. Mas será mesmo? É bem verdade que têm pintado lances de machismo muito fortes nas páginas do Pasquim, mas isso não quer dizer que o machismo seja a síntese, o editorial do jornal. O que o Pasquim faz gozando as feministas com suas mulheres peladas e as bichas com seus bofes desmunhecados é gozar a si mesmo. No fundo, Ziraldo, Jaguar e os outros também queriam ser "minoria", mas se sentem muito velhos para isso. (Ora, queridinhos, nunca se é velho demais pra se cair na gandaia — e eu falo por experiência própria.)

O problema com as minorias recém-surgidas no Brasil é que elas agem como os cristãos das catacumbas, achando que sua política é uma religião pela qual têm de dar a vida a qualquer custo, nem que seja inventando inimigos. Sem querer, estão adotando uma posição conservadora, pra não dizer uma escrota posição fascistóide. Não se pode falar de uma situação na base da tese, não se luta falando de cátedra, bonecos e bonecas do Brasil.

Nós, por exemplo, falamos porque estamos na luta e caímos na vida há muito tempo. E mais: somos contra qualquer tipo de institucionalização. Não queremos ser os guardiães e defensores de nenhum sistema, utópico ou não. Estamos aí, pra dar e levar porrada. Por isso não podemos deixar de festejar a resistência do velho Pascá que, nestes dez anos, sempre se jogou de corpo inteiro na luta. Se pisou em falso algumas vezes e se a seguir teve algumas recaídas, sua atuação nos momentos de combate foi muito mais importante. Afinal, ninguém é perfeito. Nem nós. (*Francisco Bittencourt*)

O Movimento Louco-Lésbico da França

(OU BICHA COM BICHA *NÃO DÁ* LAGARTIXA)

Conheci Patrick através de uma amiga dona de livraria, que vende freneticamente toda a nova literatura sexual publicada na França. E através de Patrick, encontrei todos os poucos integrantes desta Mouvence Folle-Lesbienne, criada em Aix-en-Provence há coisa de um ano. A Mouvance Folle-Lesbienne (Movimento Louco-Lésbico? Não sei se é a melhor tradução) apresenta-se como "um grupo de homossexuais masculinos que não gostam dos homens", mas é, na verdade, o ponto a que chegaram atualmente os homossexuais franceses que, há uma década, vêm tentando encontrar a maneira ideal, ou a palavra certa, de se manifestar numa sociedade falocrata e impotente, como disse um deles.

Os rapazes do grupo chegaram de outros movimentos falidos e aportaram em Aix-en-Provence vindos de pontos diferentes da França. Mas esta cidade é realmente um grande centro de atração: pequena, rica, intelectual, e a dois passos da feiota e desdenhosa Côte d'Azur. É o cenário perfeito para qualquer imaginação mais fértil: com seus 140 mil habitantes, há dois grupos homossexuais masculinos, dois grupos de lésbicas, outros grupos feministas e, vejam só como é a vida, uma tentativa de se formar um grupo *masculinista*, por assim dizer, para discutir a sexualidade masculina.

Mas nem por isto é primavera. Pelo contrário, os grupos franceses já não tentam nem querem esconder a desilusão. A política, o engajamento, o humanitarismo são visão enganosa dos problemas do mundo ou então são coisa de país subdesenvolvido mesmo. O filme *Coração de Vidro*, de Herzog, explica isso muito bem: uma vez perdida a fórmula secreta, os povos entram em transe hipnótico e não dão conta de enxergar um palmo à frente do nariz. Ficam rodando em círculo e desprezam o que, mesmo por pouco tempo, tenha lhes dado prazer e razão de ser.

Nessa entrevista, que durou uma tarde inteira regada a chá, mas que resultou em pouca fita, falaram principalmente Henri Amouric, o secretário-geral do grupo, e Patrick-femme-sans-visage, uma espécie de mentor intelectual. Mas estavam todos presentes: Christian, os dois Gregoire e Valdo. Além do LAMPIÃO, por mim representado (*Alexandre Ribondi*).

Patrick — Bom, estamos escutando a Rádio Brasil...

LAMPIÃO — Tem uma coisa que eu gostaria que vocês me explicassem: isso de serem homosexuais que não gostam de homens.

Patrick — Os homens são pesados, são reprimidos, são... isso está me saindo grosseiro. Por que a gente não começa de outra maneira? Vamos começar pela história do movimento homossexual em Aix.

Henri — Tem o FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária). Em 1972, um anarquista homossexual, que não se dizia homossexual, aliás, mais duas bichas, um da esquerda tradicional, decidiram criar em Aix-en-Provence um grupo local à imagem do que já sido feito em Paris meses antes.. Devia funcionar como em Paris, algo bem informal e teoricamente não estruturado, funcionando apenas em assembléias gerais. Mas não era um grupo oficialmente declarado em Aix-en-Provence. Em Paris o FHAR era declarado como Frente Anti-Racista, porque o proselitismo homossexual cai sempre nas malhas da lei francesa: é proibido fazer propaganda em favor dos homossexuais, oficialmente. Na época, então, a lei era mais severa, de forma que o FHAR tinha uma razão social artificial e, na realidade, era uma outra coisa.

Em Aix a coisa deu certo bem depressa, com um modelo parisiense bem terrorista, terrorista entre aspas, claro, a gente não jogava coquetel Molotov nas pessoas mas era bem anti-heterossexual, de certa forma, fazíamos muita provocação. Neste primeiro ano, descíamos o Cours Mirabeau de mãos dadas, de vestido espanhol, muitos paetês, você está entendendo? Coisas que mesmo hoje a gente não faz mais, por exemplo. Foi uma época muito esquerdista.

Mas não era só isto. Agíamos bastante na faculdade, certa época promovíamos encontros semanais e alguns *stands* também, com literatura homossexual, alguns livros, e sobretudo com os jornais que surgiram, como o *Fléau Social*, *Les Rapports contre la normalité*, que é o livro de base, publicado pela FHAR de Paris. E espalhávamos panfletos, cartazes bem provocadores, no gênero "Ultrabite, a vaselina com sabor selvagem". Não sei se você conhece o dentrifício Ultrabite que tinha, na época, um slogan que dizia "Ultrabite, o dentrifício com sabor selvagem" (*n. da .: bite é o palavrão francês para pênis*). Tinha também um texto de Sade que reproduzimos sobre os muros da cidade. Um texto onde ele justifica a sodomia pela forma do ânus e do sexo masculino, alegando que um troço redondo é normal que receba um objeto redondo e que uma vagina, que não é redonda, não tem nada a ver. Enfim, coisas bem provocadoras e, efetivamente, fizemos muito escândalo. Usavamos *spray* para escrever nas paredes.

Patrick — O que acabou dando em processo...

Henri — Exato. Eu e um amigo tivemos um processo judicial por escrever nas paredes. Fomos pegos justo quando escrevíamos "Viver Livre", assinado FHAR. Fomos condenados com *sursis*. Pegamos uma espécie de multa de quinhentos francos, pouca coisa. Tínhamos um pistolão, como se diz, e por isso a coisa não engrossou.

LAMPIÃO — E, passada a época esquerdista, o FHAR acabou?

Henri — Sim, dissolveu-se pouco a pouco, mas, de qualquer forma, foi aqui que ele mais durou, em toda a França. Porque em Paris, houve uma divisão entre as loucas, as gasolinas, completamente histéricas, e os homossexuais militantes tradicionais, de esquerda, ou então que vinham de organizações esquerdistas, que falavam das bases operárias, da luta comum com o proletariado, da convergência de luta com as feministas. Tivemos muita dificuldade com as organizações de esquerda, a propósito. Você nem perguntou, mas eu digo. E tivemos dificuldades com as organizações feministas. Com os esquerdistas porque ouvíamos muito o seguinte discurso: vocês são anormais, produtos da burguesia decadente.

LAMPIÃO — *Este refrão é bem conhecido...*

Henri — Para eles não há homossexuais no proletariado, com exceção do proletário pervertido, claro. E as feministas soltavam o seguinte discurso: "O homossexualismo é anormal, vão se curar!" No início era bem isso. Ou "não se deve confundir feminismo com homossexualismo, são duas coisas bem diferentes, não confundam alhos com bugalhos". Eram discursos morais, que nos rejeitavam, tanto dos esquerdistas quanto das feministas. Tivemos muitas discussões com a esquerda e, fazendo uma análise, foi esta a grande realização do FHAR: fazer os esquerdistas mudar de posição. Todos os grupos de extrema esquerda foram obrigados a mudar de posição e esta é a obra do FHAR. Houve uma época em que a gente quase saiu no pau mesmo.E como havia homossexuais entre eles, a gente usava isso para sacudir suas bases.

E também quanto a isto de que não há homossexuais entre os proletários, citávamos as estatísticas do Ministério do Interior francês, que indica uma maioria de operários e camponeses entre as pessoas que têm processos por atentado à moral e aos bons costumes — homossexuais, enfim. E pouco a pouco eles foram obrigados a mudar de posição. E as feministas, bom, aí a coisa foi mais simples, porque elas não puderam negar por muito tempo que tínhamos um inimigo comum, a falocracia. Foram levadas a ser tolerantes, e nos aceitar.

Então, a partir do ano seguinte todas as manifestações de Primeio de Maio a gente fazia em companhia dos grupos feministas, que eram quem, na verdade, nos protegiam do CGT (Central Geral de Trabalhadores), cujo pessoal queria nos quebrar a cara. Mas Aix é uma cidade um pouco diferente: pequena, tradicional mas liberal, intelectual, uma cidade de universitários, e nós aproveitamos esse aspecto para agir e nos desenvolver. Porque em Marselha, por exemplo, os homossexuais se manifestaram pela primeira vez no ano passado, enquanto aqui em Aix a gente nem se manifesta mais. Há um desequilíbrio muito grande, porque na maioria das cidades francesas os homossexuais começam a encarar uma possibilidade de grupo, enquanto que em Aix, uma cidade pequena, isto não se faz mais. O Primeiro de Maio já não nos interessa.

LAMPIÃO — *E você, Henri, é o único da Mouvance que vem do FHAR?*

Henri — Sim, o único.

Patrick — Não, eu também fiz parte, mas bem no finzinho.

LAMPIÃO — *E as loucas onde estão?*

Henri — As loucas eram completamente nihilistas, terroristas, contra toda forma de organização mas, por outro lado, eram incapazes de propor qualquer outra coisa. Havia, enfim, a Suruba das Belas Artes; as reuniões finais do FHAR eram na Escola de Belas Artes e, com o tempo, tornaram-se a maior suruba da França. E tudo terminou.

Patrick — E *Les Mirablles Girls*, este grupo de espetáculos aqui de Aix, passou todo ele pelo FHAR. Criaram o grupo de travestis que se apresenta por toda a França.

LAMPIÃO — (Vítima de incontrolável arroubo nacionalista) *Eles são um pouco como o Dzi Croquettes, não são?*

Patrick — Menos conhecidos que os Dzi Croquettes. Os Dzi Croquettes são menos políticos, fazem mais espetáculos, enquanto que as *Mirabelles* fazem política no palco. Política entre aspas, claro. Resquícios do FHAR, apesar de tudo.

LAMPIÃO — *Depois do FHAR surgiu o Sexpol?*

Patrick — Foi. No FHAR não havia mais ninguém. Eu, na época, era bissexual (*Suspiros; comentários; "quelles horreur", disse um*). Eu queria amar todo mundo. Reunimo-nos para criar o Sexpol, com base na ideologia reichiana, a sexualidade política. E o pessoal do FHAR dizia, "enfim, por que não? Depois de tudo, porque no estado em que já chegamos, até que seria interessante analisar as bichas enrustidas, por exemplo, que poderiam partir para uma outra organização mais especificamente homossexual". Então começamos a discutir com os heterossexuais, com as moças, com os rapazes. Chegamos a publicar um manifesto, E havia também um Grupo de Liberação Homossexual e com ele fizemos a última manifestação do Primeiro de Maio com a Bandeira Sexpol-GLH. Ainda era uma época muito radical e não especificamente homossexual. Surgiu daí uma revista, publicada até hoje, chamada *Sexpol*, de Paris.

LAMPIÃO — *O nome "Sexpol" me desagrada, porque só me faz pensar em polícia. Em uniforme, é isto, "Sexpol" me faz pensar em uniforme.*

Patrick — E depois, Reich não é exatamente pró-homossexual. Coisa importante foi a greve da faculdade de economia da universidade de Aix. Descobrimos que servíamos mais à liberação heterossexual que à liberação homossexual propriamente dita. Muitos heterossexuais vinham nos ver para se dizer não-falocratas, e os homossexuais que chegavam iam embora logo em seguida, com medo de tudo aquilo. Após a greve evacuamos os heterossexuais do grupo, havíamos decidido que éramos definitivamente homossexuais e que viveríamos entre homossexuais, o que não ficou muito claro porque há um bocado de bichas que paquera heterossexuais; eu mesmo paquero.

Henri — O importante nesta greve foi que nós pela primeira vez pudemos chegar perto do poder

— HOMEM COM HOMEM! ME DIGA UMA COISA, QUERIDA: ONDE É QUE ESSE MUNDO VAI PARAR?

ENTREVISTA

> "UMA VEZ QUE DERRUBAMOS O MURO DO DESPREZO, SOBROU O MURO DO DESEJO. FOMOS COLOCADOS EM UM PEDESTAL E NOS TORNAMOS COMPLETAMENTE INACESSÍVEIS. A SITUAÇÃO TORNOU-SE INSUPORTÁVEL."

numa instituição como a Faculdade. Durante três semanas ficamos lá dentro. Foi importante.

Patrick — Formamos uma pequena comissão que se chamava Educação e Repressão Sexual, que foi a que reuniu mais estudantes. Editamos uma carta. Foi um sucesso.

Henri — E o que aconteceu de curioso foi que as palavras que saíam de nossos lábios tornaram-se realmente a bíblia, a nova bíblia, mas na verdade servíamos para consertar casais heterossexuais, para separar os que não podiam viver juntos, para dar argumentos às damas que queriam abandonar os maridos. Acabamos de saco cheio. Porque, veja, uma vez que derrubamos o muro do desprezo, sobrou o muro do desejo. Fomos colocados em um pedestal e nos tornamos completamente inacessíveis. O que era a melhor maneira de nos rejeitar, pensando bem. A situação tornou-se insuportável, então. Mas serviu para que nós déssemos conta de que nada havia mudado, apesar de todo um trabalho bastante militante, tradicional mesmo.

Patrick — E o que podemos dizer de tudo agora é que esta experiência nos levou a querer viver entre homossexuais. Eu pelo menos senti assim, porque eu não era nem especialmente comunista nem especialmente situacionista. Preferi desfilar junto com os anarquistas nas manifestações de Primeiro de Maio, com cartazes que gritava, "Viva a Preguiça" e coisas do gênero.

Henri — O Patrick não era nem situacionista nem comunista, era marciano...

LAMPIÃO — Nesta cova que estamos abrindo o situacionismo também morreu, não é? Não se fala mais nisto, enquanto em 1975 tinha até uns filmes situacionistas bem engraçados.

Patrick — É, não existe mais, se bem que ainda existem uns indivíduos bem engraçados que batem as pernas em nome do situacionismo. São sempre uns oito ou dez, grupos fechados. Enfim, eu acho que há uma ligação muito forte entre os homossexuais e os situacionistas, porque houve até uma revista, Fléau Social, de linha situacionista.

LAMPIÃO — E a Mouvance? Existe desde quando?

Patrick — Tem coisa de um ano, acho. Olha, o que acôntece é o seguinte: nós nos separamos dos heterossexuais e em seguida, com a Mouvance, vamos nos separar dos homossexuais sérios.

Henri — É o perigo da especialização, que acaba sem ter com o que lidar.

Patrick — Começamos durante as eleições municipais e lançamos uma carta anti-heterossexual. A coisa no início era uma farsa, mas depois vieram a televisão e o rádio, porque estávamos provocando um escândalo. E foi então que a gente disse: "E por que não? Já que tivemos publicidade gratuita, vamos formar um novo grupo". Em seguida, durante a primeira semana de cinema homossexual em Paris nós expusemos nossos pontos de vista, o que acabou provocando um encandalozinho também, porque as bichas da capital também são esquerdistas.

Acontece, enfim, que muitos homossexuais levam uma vida muito séria gostam de esporte, esqui, estas coisas de homem forte. Bom, uma análise mais fria pode me mostrar que isso é apenas um outro modo de vida, claro, mas o que nós queremos dizer com o nosso nome Louca-Lésbica é algo como "mulheres entre si", em oposição ao "homens entre si" que seriam os "homossexuais". Nossa luta não é essencialmente legal, apesar de já haver uma solidariedade sindical, já que somos considerados homossexuais também pela lei. Preferimos uma luta quotidiana.

Henri — Eu, por exemplo, não entro nesta de ser a mulher de um homem. Quero ser louca, e não mulher.

LAMPIÃO — Você quer ser a louca de um homem, e não o homem de um homem. É isto?

Henri — Não: quero sér a louca de uma louca.

LAMPIÃO — Em tudo isto sobra espaço para outras lutas, outras reivindicações?

Patrick — Eu não gosto de ser obrigado a ser esquerdista. Isto é muito humanitário, não tem nada de homossexual nestas lutas.

LAMPIÃO — Bem, é possível ser homossexual e pessoa como qualquer outra.

Patrick — Não, não, eu não sou uma pessoa, eu não sou um povo, eu sou homossexual. E louca.

LAMPIÃO — E no entanto, você fala francês, você é francês até fisicamente, alto e louro, você não sabe nada dos outros países, pelo menos não tanto quanto você conhece as coisas francesas. Então, você não pode negar que é um povo.

Patrick — Sim, mas daí a lutar ao lado dos homens por razões humanitárias, você é obrigado a pôr uma cargaça de homem.

LAMPIÃO — Mas você não precisa pôr de lado sua condição de homossexual. Aliás, não pode deixar que esqueçam, em momento algum, que você é um homossexual. Mas enfim, vocês acabaram, no momento, não me respondendo o porquê do ódio contra os homens. Ah, não, vocês já responderam sim.

Henri — Respondemos sim. E quanto a isto, quero acrescentar que eu procuro dizer não às minhas fantasias sexuais porque eu sei que estas fantasias não me pertencem. Foram fabricadas pela sociedade e impostas a mim. Por isso tento me livrar delas. Estas fantasias me mantêm prisioneiro de um certo desejo, ou mesmo da noção deste desejo, e, pelo menos do ponto de vista teórico e também na nossa vida quotidiana no máximo, tentamos nos desembaraçar destas fantasias, da imagem social do homem. Tentamos esquecer que o falo está em todos os lugares e também em nossas cabeças, portanto, a concepção louca nos tornaria capazes de desvirilizar o universo inteiro.

Patrick — É isto: procuramos uma expressão política da louca, que tenta viver sem homem, sem o Bofe. E sabemos que é a primeira vez que se tenta isso.

LAMPIÃO — Vocês fizeram serviço militar?

Patrick — Eu, sim: por quatro dias...

Henri — Eu, dispensado.

Valdo — Eu começo a semana que vem.

Christian — E eu em curso de licença. Deveria estar servindo agora.

LAMPIÃO — E um homossexual não é chamado para o serviço militar?

Henri — Ah, se o homossexualismo engendra uma neurose, estamos dispensados. Mas o homossexualismo já deixou de ser um motivo de reforma. Antes era sistemático — os homossexuais eram recusados. Agora, se você é homossexual e se sente bem é normal, como o nosso amigo aqui, o Valdo, você pode servir.

Patrick — Daí uma das vantagens de ser pintosa.

Henri — Sejam pintosas e escapem do serviço militar.

LAMPIÃO — Agora eu gostaria de saber como vocês chegaram a esse ponto de detestar os homens, porque isso me espanta um pouco e me deixa muito curioso?

Christian — É preciso considerar a distância entre a teoria e a prática. Se você pega individualmente cada uma destas pessoas... elas amam os homens, sim.

Patrick — Eu desejo os homens. É diferente. Mas realmente, nosso quotidiano é um quotidiano de louca, mas os desejos genitais caem sempre sobre os rapazes. Porque é como um supermercado...

Christian — O que existe, então, é a possibilidade de ser reconhecido como louca, o que não me impede de assumir um papel ativo, se for para o prazer do companheiro...

> "EU, POR EXEMPLO, NÃO ENTRO NESTA DE SER A MULHER DE UM HOMEM. QUERO SER LOUCA, E NÃO MULHER". / "VOCÊ QUER SER A LOUCA DE UM HOMEM, NÃO É?" / "NÃO: EU QUERO SER A LOUCA DE UMA LOUCA".

Anistia, confetes e serpentinas

A anistia ampla, geral e irrestrita, e as liberdades democráticas no Brasil, foram o tema de uma conferência internacional, realizada entre os dias 28 e 30 de junho na Câmara dos Deputados italiana, sob o patrocínio da Liga Internacional pelos Direitos e Libertação dos Povos, em colaboração com a região do Lácio e a província de Roma. Vários delegados seguiram do Brasil para participar da conferência, mas apenas três entidades foram convidadas a mandar representantes: a Comissão Justiça e Paz, da Arquidiocese de São Paulo, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, e o jornal LAMPIÃO.

A notícia de que os organizadores da conferência nos mandariam passagens e custeariam a estadia do nosso enviado deixou espantados alguns representantes das forças progressistas do País — houve até alguém que estrnhou o fato de que o mesmo tratamento não fosse concedido à entidade que representava —, mas não nos tirou o sossego. Afinal, nós sabemos que o prestígio de LAMPIÃO no exterior, como uma das vozes das nossas minorias, é um fato consumado, e por isso foi natural que os organizadores da conferência nos convidassem para participar de um debate específico do temário, sobre censura e liberdade de expressão.

Infelizmente, dada a exigüidade do tempo de que dispúnhamos, não foi possível mandar um delegado ao congresso; tudo o que pudemos fazer foi enviar um documento, através do representante da Comissão Justiça e Paz, o advogado Luís Eduardo Greenhalgh.

Mesmo assim, o documento acabou desatualizado. No dia seguinte da inauguração do congresso, aqui no Brasil, já havia fatos novos a registrar: a intimação, pelo DPF, dos quatro editores do LAMPIÃO residentes em São Paulo, para prestar depoimento no inquérito contra o Jornal. No dia 4 deste mês de junho, lá estarão, para falar à polícia sobre o jornal, Darcy Penteado, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

Mesmo sem ir a Roma, estivemos, dessa forma, situados no centro dos debates que lá ocorreram. Tudo isso quando, aqui no Brasil, ainda não tinham sido recolhidos os confetis e as serpentinas com que se havia saudado a anistia. Que, a julgar pelos últimos acontecimentos, passará longe de nós. (AS)

E o negro, é "beautiful"?

Nesta fase atual da vida brasileira onde índios, feministas e homossexuais têm-se organizado e manifestado, uma voz continua estranhamente calada: a do negro.

Entretanto, até a década de trinta, houve uma imprensa negra bastante combativa, com matrizes políticos até divergentes. Ainda está para ser feito um estudo do conteúdo desses jornais — O Clarim da Alvorada, Mundo Novo, A Voz da Raça, Novo Horizonte, e outros. Representavam o reflexo de movimentos políticos e culturais mais amplos, como a Frente Negra ou o Teatro Popular do Negro. As publicações mais recentes, como Hífen, Simba e Tição, não tiveram a mesma envergadura e continuidade, não chegando ao conhecimento da maioria. Pode parecer difícil de entender porque não surgiu ainda nem o Lampião dos negros, nem o Movimento afro-brasileiro, ou ao menos o Pasquim crioulo. Há porém motivos bem complexos para isso.

Em primeiro lugar, as classes dominantes continuam adotando como dogma as teses de Gilberto Freyre segundo as quais "não existem racismo no Brasil" e "a raça negra a desaparecer" diluída numa multidão de mulatos. Os anos provaram as falhas desta afirmação, mas os empedernidos fingem não perceber. Na época em que foram lançadas essas teses representaram uma evolução diante de pseudo-cientifismo racista então vigente, mas hoje, mal se aguenta em pé. Passaram a ser reacionárias e castradoras desde que rotulam qualquer movimento negro contra o racismo como revanchismo. Durante o Estado Novo (1937-45) as associações de raça foram até postas na ilegalidade. Mesmo hoje, há toda uma legislação destinada a desestimulá-las.

Outro problema importante é que os negros perderam a noção da sua força real. Isso, pelo menos desde 1950, quando pela última vez o item raça constou do recenseamento. Até então, os chamados negros puros eram cerca de 11% — sem contar com pelo menos o quádruplo de mestiços. Fazendo uma projeção para os dias de hoje, esses mesmos negros puros perfazeriam aproximadamente cerca de 13 milhões de indivíduos. Nada mais nada menos que a quinta população negra do mundo, superada apenas pela da Nigéria, Estados Unidos, Tiópia e Zaire. Aos que argumentarem que este índice de 11% deve ter diminuído devido à miscigenação, resta responder que a explosão demográfica pode muito bem ter compensado esta perda. Estabelecer o número aproximado da nossa população negra torna-se portanto um dos dados fundamentais da sua emancipação. A retirada da especificação por raça dos recenceamentos posteriores foi feita sob o pretexto de "eliminar o racismo" porque "o Estado não faz distinção de cor entre os seus cidadãos". Acabou servindo aos interesses do obscurantismo. Imagine-se, por exemplo, um município do Sudeste onde um novo recenseamento aponte metade da população como de raça negra. Esta comunidade despertará mais rapidamente para o desejo de participação política, querendo eleger o prefeito, deputados e veredores que representem os seus interesses específicos. Este dado também parece essencial, ainda mais quando se cogita em implantar entre nós o voto distrital. Só na cidade do Rio de Janeiro há possíveis distritos com grande percentagem de negros.

Também extremamente negativa é a ausência de bibliografia adequada sobre o magro brasileiro — e notadamente sobre a África Negra.

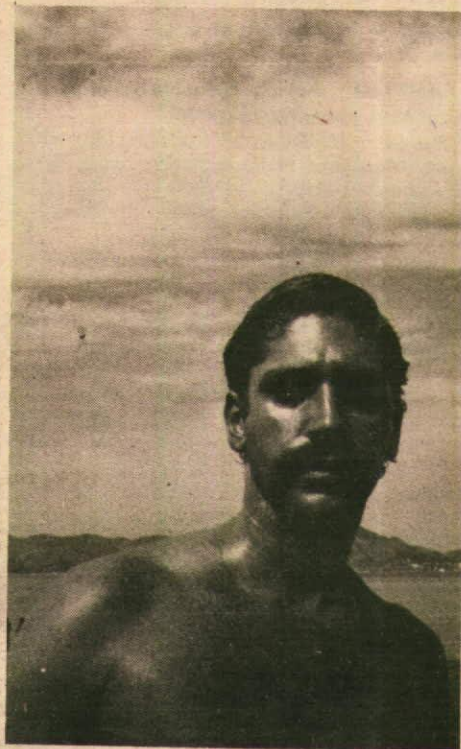
Um jovem negro brasileiro que pretenda noções da História africana está impossibilitado de adquirí-las, pois só há livros disponíveis em francês ou inglês. Esta falta de conhecimento e informação gerou equívocos até entre as elites negras mais esclarecidas. É evidente sua admiração pelos antigos reinos do Golfo da Guiné criados pela etnia iorubá ou nagô, a saber o Benin, o Oyo, o Daomé (hoje situados nas repúblicas da Nigéria e Benin). Esnobam assim os reinos bantus do Manicongo e do Ngola, nos atuais Zaire, Congo e Angola, de onde veio a maioria esmagadora do negro brasileiro. Ao contrário do que se diz, estas não eram mais atrasados do que aqueles.

Quanto aos estudos brasileiros, a situação é apenas um pouco melhor. A maioria das publicações é composta de teses universitárias, muitas vezes subjetivas e quase sempre de linguagem empolada. Elas menosprezam a influência bantu (bacongos e ambundos) diante da sudanesa (iorubá, haussá, etc), emsmo que os primeiros tenham sido tão mais numerosos. Lêdo engano! Os iorubá contribuiram notadamente para a formação do candomblé e da cozinha bahiana. Yemanjá, Ogum, Xangô e Exú existem na Nigéria assim como em Cuba e outros locais onde este povo foi escravizado. Já a influência congo-angolana foi bem mais ampla. Além de ter contribuído para o português com maiior número de palavras, esses negros trouxeram a capoeira, a umbanda, o congado, o maracatú e notadamente o samba (semba em Angola). O lengedário Zumbi dos Quilombos dos Palmares era certamente bantu, pois nas línguas kicongo e ambundo, Zumbi, é um título hierárquico e quilombo significa povoado. O mito da superioridade iorubá foi criado por estudiosos brancos mal informados e chega a ser revoltante que certos negros tenham aderido a uma falsa tese que só pode causar divisões. Portanto, é conveniente desviar um pouco os olhos da Nigéria e dirigi-los para Angola ou Zaire. E mais ainda ao Brasil. Estudar por exemplo qual a real importância da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na alforria de escravos; ou a revolta separatista dos malês (muçulmanos negros) na Bahia no século passado, (que também anda sendo mitificada); ou mesmo as obras do poeta Cruz e Souza ou do romancista Lima Barreto.

As formas mais recentes de afirmação do negro brasileiro não tem logrado entusiasmar as massas. Todas, sem exceção, não ultrapassaram elites diminutas. Neste ponto, talvez seja mais importante o trabalho de Grêmio Recreativo de Artes Negras Escola de Samba Quilombo, do que simpósios e seminários assistidos apenas por estudantes da classe média, o mais das vezes brancos.

A forma de luta adequada ainda não surgiu. Mesmo essas associações de elite não se estendem entre si. Abdias Nascimento recentemente teve reais dificuldades ao tentar unificá-las. Isso só faz atravancar o combate aos preconceitos.

Parece estar acontecendo dentro da comunidade negra a mesma distorção do resto da sociedade brasileira. Setores da classe-média esclarecida (minoria) falando pelo operariado e lumpren-proletariado (maioria), mas sem maiores contados com eles. É muito pouco. Esse contacto deve ser estabelecido de baixo para cima ou teremos apenas mais um efêmero movimento de classe média — só que desta vez negra.

Em geral, quando uma minoria quer ser aceita pela maioria, termina adotando a moral vigente. Algo como "olhaí, nós também somos cidadãos respeitáveis"... Talvez seja esse rancor moralista e obsoleto que até o momento tenha mantido os negros longe de Lampião, jornal aberto a todas as minorias. Alô, Quilombo! Atenção, Instituto de Pesquisas de Cultura Negra, Instituto Brasileiro de Estudos Africanos, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Movimento Negro Unificado — estamos aí! Que não se encolham por falta de convite. Sem chauvinismos.

Macho-Woman

*Este **macho-man** bigodudo da esquerda, e a "Miss Brasil" coxuda da direita, são — pasmem! — Exatamente a mesma pessoa: ele, bronzeado e bigodudo ao sol da praia do Flamengo, no Rio, é ela, Aziza, uma das **hostess** da Gueifieira de Luizinho Garcia, que continua funcionando a pleno vapor, as sextas e sábados, no Cine São José, na Praça Tiradentes. Aziza, as sextas-feiras, além de desfilar na Gueifieira vestida de Marta Rocha (dizem que suas "duas polegadas a mais" não são exatamente nos quadris), cumpre uma obrigação com o santo: vende acarajés. Aziza é ótima! Aliás, nos recados ao LAMPIÃO escritos neste mês de junho lá no painel da Gueifieira, tem um que a gente adorou particularmente. Ele dizia assim: "Todo poder ao LAMPIÃO; assinado: Lenina Ludmila"...*

"Homossexualismo na classe operária? Não conheço." (*Luís Inácio da Silva, o Lula*)
"Viado aqui no ABC? Tem, sim. Só que eles dão duro igual a nós." (*João Borges da Silva, operário*)
"Lula, o metalúrgico? Não, esse eu não conheço. Mas manda ele falar comigo..." (*Emanuel Alves da Conceição, a Claudete, "operário honorário" do metrô carioca*)

A notícia da existência, nos gordos arquivos da Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo, de uma tese "provando" que não há homossexualismo na classe operária, estava há alguns meses atravessada em nossas gargantas. Seriam os homossexuais produtos (ainda que bastardos) da decadência burguesa, e, como tal, incapazes de se alinhar com os movimentos de vanguarda desse país?
Sempre de olho na tese da USP, fomos ouvir "o outro lado da questão" — os operários do ABC, além dos que estavam mais próximos de nós, o pessoal da construção civil, no Rio. E — apesar da posição um tanto PSD adotada pelo metalúrgico Lula sobre o assunto —, constatamos que não só há homossexuais proletários, como também que a classe operária se revela, em relação ao assunto, menos preconceituosa que certos setores da inteligentzia nacional, a qual, por sinal, concorda inteiramente com o dono da Metais Vilares: operário deve ganhar mais, pra produzir melhor. Mas — perguntamos nós —, e o prazer, como é que fica?

Alô, alô, classe operária: e o paraíso, nada?

As massas do ABC: na vanguarda da "normalidade"?

São Bernardo não é mais uma praça de guerra. Depois das greves e do fim da intervenção, parece que voltou a paz à cidade, atual centro das lutas do operariado brasileiro. Mas a calma é aparente. A luta, embora silenciosa, continua nos bares, nas portas, nas fábricas, nas conduções e, principalmente, no Sindicato. E no centro disso tudo está um pernambucano, Luís Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Uma equipe de LAMPIÃO ficou cinco dias em São Bernardo, ouvindo Lula e a diretoria do Sindicato — injustamente esquecida pela grande imprensa. Ela também esteve nas assembléias, no sindicato, nas ruas, procurando ouvir os principais protagonistas da luta no ABC paulista: os operários; e não apenas sobre suas reivindicações, mas também sobre coisas específicas como sexo e prazer. Foram recolhidos vários depoimentos e, de todo este material, resultou o trabalho que se segue. Participaram da entrevista com Lula o compositor Chico Moreira, do Rio, o folclorista Saulo Pinto, de São Paulo, e Bebel Medina, a quem a gente agradece a valiosa colaboração (*Beatriz Medina*).

"Olha, lá na minha seção tem uma moça meio assim, né, ela usa umas roupas meio de homem, não se pinta nem nada. Uma vez ela veio com uns papos meio estranhos para cima de mim, mas não dei muita conversa, né? Fora isso, ela é uma pessoa legal, né, até o chefe da seção tem respeito por ela. Dizem que ela briga muito bem". (*Marinete de Moraes, montadora*)

"Fresco? Olha, esse negócio de fresco é lá em São Paulo. Aqui eu nunca vi não. É, talvez tenha, mas não põe o nariz pra fora da porta, não."(*Jorge Luís da Silva, ferramenteiro*).

Beatriz Medina — *Depois das greves de maio, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema vem-se projetando como um exemplo, a ser seguido, de um novo sindicalismo brasileiro. Este trabalho vem sendo feito desde que a atual diretoria tomou posse. Seriam as greves o coroamento da tão almejada conscientização da classe operária no Brasil — pela primeira vez, segundo alguns —, ou apenas o primeiro teste deste longo caminho para sua verdadeira emancipação?*

Luís Inácio da Silva (*Lula*) — Pera aí: tem muita coisa aí pra ser dita. Pra começo de conversa, quando você afirma que a posição atual dos trabalhadores do ABC, no que diz respeito à defesa de seus direitos, deve ser seguida por outros é uma posição muito simplista. Não basta o ABC, ou a diretoria do Sindicato, ou o Lula, ter feito isso ou aquilo, que isso deve virar norma de ação, "palavra de ordem" ou coisa assim. Cada investida dos patrões requer uma estratégia própria, e a eles não falta imaginação. Apenas uma coisa: tivemos organização, e agimos sempre de maneira democrática, discutindo com todos que seriamente quisessem opinar. Somente isso podemos — e devemos — recomendar.

— Quanto às greves, elas são a decorrência natural de todo o estado de calamidade da economia brasileira, inclusive por serem a última arma de persuasão do trabalhador. Ao mesmo tempo, a greve provou amadurecimento, pelo modo como foi conduzida. E o teste serviu tanto para a classe trabalhadora como para a opinião pública e o povo em geral, que viu que fazer greve não é um bicho de sete cabeças.

"Ah, meu marido participou da greve, sim. Eu apoiei, claro, todo mundo apoiou — as crianças, todo mundo. A gente ia junto na Assembléia, ia ajudar lá na igreja pra distribuir comida, essas coisas. Eu até falei com a minha vizinha, que o marido dela era contra a greve, queria ir pro serviço, aí eu disse pra ela que ele não podia fazer isso não, ia prejudicar todo mundo, e que o Lula não ia deixar ele ser despedido, né, que era pra ela convencer o marido a ficar em casa como todo mundo."
(*Fátima Gomes de Souza, dona de casa*)

"O quê, garota? Viado? Olha aqui, viado, comigo, é na porrada! Não, nunca me fizeram nada, mas é bom eles nem tentar!" (*Luís Duarte da Rocha, operário*).

B.M — *Pois bem: você afirma que fazer greve não é um bicho de sete cabeças. Há quem diga isso e afirme que a greve é uma arma que deve ser usada de forma rápida e inflexível, sem dar tempo nem opções aos patrões, sem ceder um milímetro de terreno. Houve algum cuidado para que o movimento grevista não se perdesse a si mesmo num círculo vicioso — a greve pela greve — ou há um meio-termo nisso tudo?*

Lula — Nem uma coisa, nem outra. Quando afirmo que greve não é bicho de sete cabeças, estou dizendo que o direito de greve é uma coisa normal em qualquer país civilizado. É a essa simplicidade que me refiro. Agora, chegar até ela não é tão simples. Olhando de fora para dentro, sem um conhecimento prévio de como as bases pensam ou se manifestam, as coisas podem parecer simples: radicaliza-se e pronto. Só que para quem vem já há muito tempo preparando um trabalho com as bases, a coisa muda de figura. Desde que nossa diretoria assumiu, o trabalho tem sido constante: desde estar presente 24 horas por dia para ouvir queixas e reclamações do pessoal contra as empresas e tentar dar uma solução, até os vários congressos que realizamos, para informação e divulgação dos problemas específicos da categoria e da situação atual do País. Temos um boletim, a Tribuna Metalúrgica, que de cada edição são 60, 70 mil exemplares distribuídos. Agora, durante a última greve, fizemos o jornal ABCD, do qual distribuímos uns 100 mil exemplares.

— Isso fora as reuniões periódicas por empresas e até mesmo por seção, no caso das fábricas maiores. É um trabalho constante, tentando conscientizar o trabalhador para a sua situação dentro de toda a nossa sociedade.

"Nosso maior inimigo não é o homem que a gente tem dentro de casa, que se sacrifica com nós e as crianças pra não faltar nada, desde a lata de leite até a prestação da TV. O inimigo é outro homem, o patrão. É contra este que a gente deve lutar." (*Vilma Pinto da Silva, dona-de-casa*)

"O Lula foi passar o fim de semana num sítio aqui perto. Ele está cansado, não parou um nadinha esses dias. Ele trabalha muito mais que a gente, coitado." (*Guardinha do sindicato*)

Chico Moreira — *Já há algum tempo, políticos da época pré-64 vêm arregimentando apoio nas mais diversas camadas da população para uma nova agremiação política que seria o ressurgimento do PTB. Não se pode negar que este Partido teve, no passado, profunda penetração entre as classes trabalhadoras. Sua negação pura e simples não seria — após 13 anos sem experiência partidária — uma atitude apriorística? Sabemos que, no quadro atual, a participação de elementos provenientes das bases se torna cada vez mais difícil, pela própria elitização do poder. Neste caso, como defendem algumas lideranças, uma representação parlamentar, mesmo do tipo populista como o fascismo italiano, o "varguismo" brasileiro ou o peronismo argentino — que na realidade sempre estiveram a serviço das classes dominantes —, não abriria a possibilidade de ser conduzida por lideranças sindicais fortes e representativas, tornando-se assim uma opção transitória, um risco calculado, que pudesse dar bons frutos? Seria esta uma saída?*

Rubens Teodoro de Arruda (vice-presidente do sindicato) — Olha, disso tudo que você falou, acho que é necessário esclarecer alguns pontos. Mesmo que a maioria da classe trabalhadora atual não tenha tido a experiência vívida do que foi o período que você citou — a época áurea do PTB — nós todos sabemos na carne, pelo nosso próprio dia-a-dia, que a atividade parlamentar aqui no Brasil nunca deu colher de chá a ninguém, a não ser às classes que dela participavam ativamente, ou seja, patrões, empresários, latifundiários, etc... É só ver a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), a Previdência Social, etc... O próprio PTB nunca beneficiou realmente os trabalhadores. AS coisas que nós conseguimos foi ➡

> *"Infiltração? Só daquela que a gente chama o encânador: ele põe um pouco de cimento e a privada fica funcionando novinha outra vez. Essa desculpa já não engana ninguém."*

através de nosso próprio suor, de nossa própria luta, e os políticos profissionais sempre tentaram aproveitar essas conquistas como bandeiras suas, como trabalhos seus, como se o trabalhador fosse um coitadinho que precisasse de um papai para pôr o esparadrapo no machucado.

— Nós não negamos a importância e a necessidade da atividade parlamentar; só que, como ela nunca esteve ao alcance dos trabalhadores, nunca atendeu aos nossos interesses. Quanto ao que você falou sobre lideranças sindicais fortes se aliando aos partidos tradicionais para conseguir uma brecha de atuação e tentar modificar alguma coisa em proveito do trabalhador, achamos que, se temos uma liderança forte assim, o que devemos fazer é fundar o nosso Partido, o verdadeiro Partido dos Trabalhadores. Inclusive, vamos mesmo fundar este Partido. Será um Partido dirigido por trabalhadores, para colocar gente nossa na direção desse país e realmente defender nossos interesses. Não acreditamos que qualquer outro Partido, que não venha expressamente da classe trabalhadora, que não seja integrate formado por trabalhadores, consiga ou pretenda honestamente defender nossos interesses. Isto só nós podemos fazer.

"Mulher Macho? Xi, menina, vira essa boca pra lá! Nunca vi disso não (*Dona de casa. Não se identificou*).

Saulo Pinto — Voltando ao assunto greve: durante os movimentos grevistas de abril e maio, vieram a público duas versões sobre o casamento: uma, de que este começara de forma espontânea, graças a uma repentina tomada de consciência dos trabalhadores; outra, de greve que; era coisa de elementos estranhos infiltrados, interessados em promover a baderna e a destruição das instituições. Como você explicaria isso.

Rubens — Olha: infiltração que eu conheço, só daqueles que a gente chama o encanador, ele põe um pouco de cimento, e a privada fica funcionando novinha outra vez. Essa desculpa de elementos estranhos agitando as massas de tão antiga não engana mais ninguém. A única infiltração na classe trabalhadora è a infliltração da miséria. Mas para quem não pertence à classe trabalhadora ou não está atento à sua luta, isso que você falou sobre "greve saída do nada", pode-se até desculpar. Mas a realidade é bem outra. A greve nasceu do nada. Além de todo aquele trabalho informativo que eu já citei, de conscientização do trabalhador, há também um trabalho prático de luta que não cessa um momento sequer. Desde que nossa diretoria assumiu, estamos brigando de todas as formas possíveis por nossas reivindicações.

— E nesta briga, a greve representa aquela arma que a gente guarda para quando não houver mais nenhum outro meio. Na época daquela movimentação em torno dos 34.1% que o governo "errou nas contas" dos salários, a greve começou a aparecer como uma possibilidade, e acabou se concretizando no ano passado. O índice de reajuste salarial que o governo estabeleceu nessa ocasião foi muito baixo, não satisfez à categoria, principalmente porque já tinha sido quase todo antecipado pelas empresas durante o ano anterior, e não sobrava muita coisa para o trabalhador receber.

— Como a gente já tinha brigado dentro da empresa, brigado nos tribunais, e não tinha conseguido quase nada, ficou claro que o único jeito era partir para a greve. E foi por meio dela que conseguimos vitórias significativas, tanto em termos salariais quanto — o mais importante — em termos e dar ao trabalhador a confiança em sua própria força. Esta confiança foi de fundamental

Foto Agência Globo

Lula: "Feminista pra mim é desocupada"

importância nas reivindicações deste ano, em que mais uma vez o índice oficial de aumento não correspondia à realidade, estando muito aquém do aumento real do custo de vida. E para sabermos de quanto foi este aumento, não precisamos de computador: a gente mede mesmo é com a quantidade de feijão que a mulher põe na mesa na hora do almoço. Aí, entramos em greve outra vez. E este ano conseguimos uma maior mobilização dos trabalhadores: foi uma greve geral, isto é, em todas as empresas.

"Viado? tem sim. Só que dão duro tanto quanto nós, eles têm família também, né? E lá na produção nem tem tempo para viadagem, não. Viado aqui trabalha duro." (*João Borges da Silva, operário*)

C.M. — *No fim deste último movimento grevista, houve um acordo que não satisfez, uma segunda greve que nãso aconteceu e a devolução do Sindicato sob intervenção governamental à diretoria cassada. O Governo, segundo alguns, foi quem se saiu melhor nisso tudo, conseguindo o que queria e ainda posando de "democrata" com a devolução do Sindicato. É sabido que não poucos trabalhadores afirmaram que preferiam ter voltado à greve, para forçarem um acordo mais favorável, e que as pretensões do Sindicato de entrar para a política influenciaram a decisão de promover a volta ao trabalho...*

Lula — É, de fato esses comentários aconteceram. Muita gente, inclusive trabalhadores, disseram que a gente devia ter continuado com a greve, que o que a gente queria mesmo era o Sindicato de volta, e não lutar pelos direitos do trabalhador, etc. O caso é que, já no início da greve, a gente sabia que o governo ia intervir aqui e cassar nossos mandatos, mas mesmo assim continuamos nosso trabalho, incentivando o pessoal, levantando o fundo de greve, fazendo piquete nas fábricas. O Governo interviu, nos tirou daqui à força, o que aconteceu? Ninguém veio falar com o interventor. Todos, patrões e Governo, vinham a nós, os cassados, para discutir a greve e as nossas reivindicações. Foi a primeira vez na História do Brasil em que isso aconteceu: uma diretoria sindical cassada não fugir nem ser presa, e continuar efetivamente representando os trabalhadores.

— Isto mostra que não tínhamos medo do Governo, nem precisamos barganhar com eles. Acho, inclusive, que o Governo não se saiu tão bem nessa história toda, porque, depois de ter agido intempestivamente e efetivado a intervenção, a pressão foi tão grande que ele teve de reconhecer o seu erro e voltar atrás. Agora, quanto à realização da segunda greve, não havia mesmo condições para que ela acontecesse. São Bernardo estava transformada em praça de guerra: parecia ter mais PM que operário. Nessas condições, qualquer tentativa de fazer piquete, ou promover a menor movimentação seria suicídio: nós estávamos cassados, nossos representantes dentro das fábricas sem segurança alguma, muitos companheiros poderiam ser presos, desaparecidos...

— E como fazer greve sem piquete, sem a gente lá, na porta da fábrica, nos pontos de ônibus, explicando ao pessoal a importância da greve, a necessidade de eles voltarem para casa? Apesar de todo o nosso esforço, o nível de conscientização dos trabalhadores ainda não é o ideal. Como conseguir, por exemplo, que os 18 mil empregados da Mercedez Benz, a maioria dos quais pais de família, mantenham uma greve sem terem um mínimo de segurança, ameaçados pela polícia, pelo patrão e pela fome, sem um piquete que lhes impeça de furar a greve e lhes mostre ali, no ato, a importância da sua participação? Realmente, não havia condições. Então, preferimos aceitar o acordo, (que não era o que nós queríamos, mas também não foi o que os patrões ofereceram de início) e voltar à produção.

"Feminismo? Olha, veio uma vez umas meninas estudantes com esses papos. Só que na conversa delas eu não caio. Quero ver elas pegar na fábrica às cinco da manhã, chegar em casa de noite, preparar comida, lavar e passar a roupa e ainda cuidar das crianças, com o marido pendurado no INPS. Elas volta é correndo pra faculdade!" (*Olga Maria Bastos, embaladora*)

B.M — Mudando um pouco de assunto: no Congresso da Mulher Metalúrgica promovido por este Sindicato tivemos notícia de várias lideranças femininas. Como se deu isso? Já será um reflexo do feminismo em São Bernardo, ou a mulher aqui continua basicamente afeita aos trabalhos domésticos?

Rubens — para começar, o que chamaríamos de feminismo? Se é um movimento de mulheres da classe média, preocupadas em lutar contra os supostos "carrascos" de nossa sociedade, ou seja, os homens, podemos afirmar que não existe feminismo aqui, e desejamos que nunca nos chegue tal praga. Mas se você se refere à luta da mulher por melhores condições de vida para todos, sejam homens ou mulheres, aí o caso muda de figura. Aqui no ABC as mulheres têm muitas razões para brigar. Além dos problemas que afligem toda a classe trabalhadora, como o aumento de custo de vida, o rebaixamento dos salários, o desemprego, etc., há problemas específicos da mulher que são extremamente graves. Por exemplo: apesar de sua produção ser geralmente maior que a dos homens, o salário da mulher operária é sempre inferior.

— Isso pra não falar de outras formas de exploração a que as mulheres são submetidas nas empresas. E elas estão brigando, lutando contra tudo isso. É verdade que não há ainda uma organização nem lideranças firmes, são apenas certas companheiras que se destacam mais e participam dos congressos e assembléias dando o seu recado e divulgando suas reivindicações. Gostaríamos que esta participação fosse maior, e estamos inclusive lutando por isso, porque, mulheres ou homens, somos todos trabalhadores e devemos nos unir.

— Afinal de contas, os problemas da mulher são os problemas dos homens também: nosso inimigo é um só, e a luta é a mesma luta de todos os trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho.

"Durante a intervenção, eu nem tinha vontade de limpar as salas, sabe? Mas quando eu soube que o Lula ia voltar mesmo, fiz uma faxina daquelas. Desinfetei tudo!" (*Uma mulher, faxineira do sindicato*).

ABC DO LULA

A grande imprensa tem falado muito no Lula do ABC. Nós, do LAMPIÃO, resolvemos "inverter" (bem ao nosso estilo) a jogada, e propusemos o ABC do Lula, que foi respondido pelo próprio com a objetividade e a clareza de quem está certo do que diz.

ABERTURA — virá quando o povo quiser.

BIÔNICOS — são uma vergonha nacional.

COMPRA DA LIGHT — é o cúmulo da falta de patriotismo.

DEMOCRACIA — é o que falta na nossa terra.

ELEIÇÕES DIRETAS — é o fato que já é tardio aqui no Brasil.

FEMINISMO — eu acho que é coisa de quem não tem o que fazer.

GREVE — é a arma mais importante da classe trabalhadora.

HOMOSSEXUALISMO NA CLASSE OPERÁRIA — não conheço.

INTERVENÇÃO — coisa que não deveria existir sequer em qualquer legislação brasileira.

JORNALISMO ALTERNATIVO — é uma coisa necessária.

LULA — um trabalhador como outro qualquer.

MULTINACIONAIS — é como se fosse uma praga de gafanhotos.

NOVA CLT — tá tão velha como aquela que foi feita em 40.

ORGANIZAÇÃO DO NOVO PTB — não vai vingar.

PELEGUISMO — é uma praga aqui no Brasil.

QUESTÃO DA CONSTITUINTE — se não tiver a participação do povo, será apenas mais uma Constituinte.

REVOLUÇÃO DE 64 — eu acho que pelo menos no princípio não era tão ruim quanto é hoje.

SEGURANÇA NACIONAL — eu acho que deveria existir, mas com critérios.

TUTELA SINDICAL — uma doença que não tem cura aqui no Brasil.

UNIVERSITÁRIOS NA POLÍTICA — são tão importantes como qualquer outro setor da sociedade.

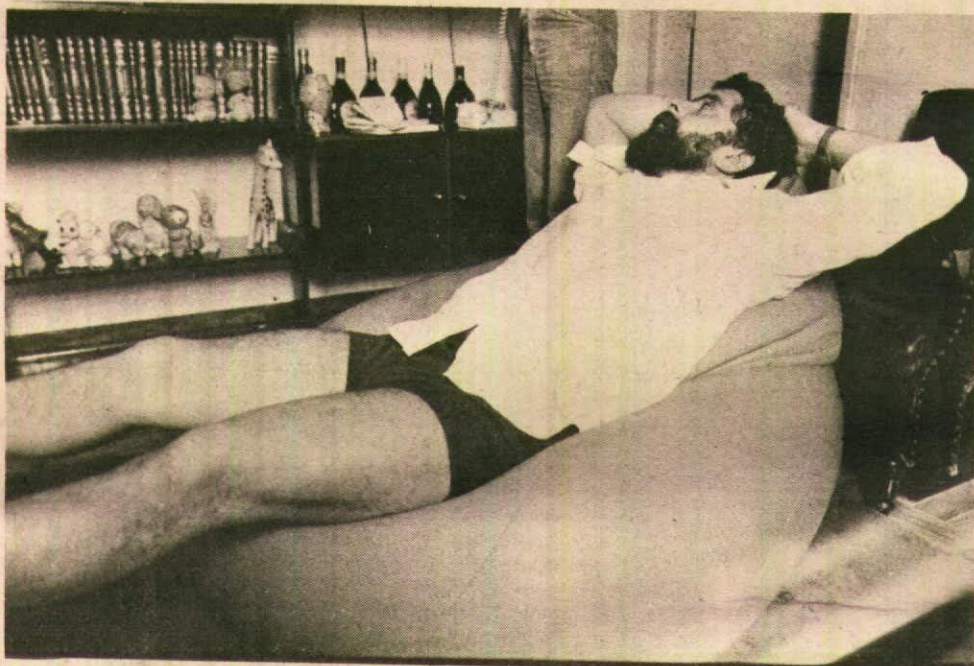
VIOLÊNCIA POLICIAL — eu acho que é pelo baixo salário dos policiais e por sua má formação.

"X" DA QUESTÃO SALARIAL — negociação coletiva.

ZONA DE ATUAÇÃO SINDICAL — atuação política e reivindicatória.

Um travesti que bate calçada diante de um dormitório de operários da construção civil, no Rio, explica porque estes não estranham a sua atividade: "bater calçada ou carregar sacos de cimento nas costas é tudo a mesma exploração; eles sabem que a gente está aqui trabalhando — deve ser isso o que chamam de consciência de classe." Declarações sábias como esta foram ouvidas pelos repórteres de LAMPIÃO na pesquisa que eles fizeram, no Rio, entre operários e homossexuais. Mas, além de ouvir sabedorias e dubiedades, eles também se deram mal: um até levou uma corrida de um grupo de proletários enfurecidos com a pesquisa.

E tem aquela história da luta de classes...

Foto Agência Globo

Lula: além de tudo um símbolo sexual?

— Tenho 25 anos, nasci em Campina Grande, Paraíba, estou no Rio há quatro. Fui empregada doméstica lá no Catete, durante algum tempo, depois minha patroa me mandou embora, disse que eu era muito escandalosa. Eu tinha uma amiga, a Denise, ela me chamou pra morar aqui na Haddock Lobo, pra fazer vida vestida de mulher. Mas com essa cara, não dava, né? Aí começaram a derrubar tudo, por causa do metrô; Denise dançou: foi presa, depois sumiu. Eu fiquei na pior, dormindo de casa em casa, até que arranjei esse buraco, por aqui.

— Aí tive a idéia: resolvi ser lavadeira. Eu batia papo com os operários, eles sentiam falta de alguém que cuidasse das coisas dele; mulher não dá, é bicho muito interesseiro Andava tudo sujo... Eu sempre lavei e passei muito bem; arranjei logo meia dúzia de fregueses, hoje sou disputadíssima; eles vêm buscar a roupa no meu quarto, de vez em quando me dão até presente: aquela garrafa de cachaça ali — foi um Catarina que me deu. Eu sou operário honorário!

— Agora é tudo na base do respeito, senão eles não me pagam pela roupa lavada e passada — pensam que eu vou viver de amor? De vez em quando um vem e se insinua, mas eu, olha: rapa fora! Quem, Lula? Ah, eu conheço tanto operário, gente! Metalúrgico? Não, acho que nem tem isso aqui no metrô. Esse Lula eu não conheço, mas manda ele falar aqui com a mamãe; nunca mais ele vai querer outra lavadeira.

(*Emanuel Alves da Conceição, ou Claudete, moradora nas ruínas do Mangue, a alguns metros de um dos maiores dormitórios do metrô no Rio*).

— O que passa de carro por aqui, toda noite, não é fácil: Passat, Chevette... O engenheiro fica gozando a gente, têm um vigia que é dedo duro e entrega, o encarregado ameaça de demissão, mas o pessoal nem dá bola. Mulher só quer saber de dinheiro, de explorar a gente; cinco minutos, duzentos cruzeiros. Viado, não; um dia desses um chegou aí num fusca igual ao seu, veio falar comigo. Eu tava pau da vida com vontade de bater em alguém — no encarregado, no engenheiro, no primeiro que aparecesse. Pois bem, o cara percebeu na hora, mesmo assim, foi-se chegando, perguntou: "Você tá se sentindo bem? Precisa de alguma coisa? Eu posso te ajudar?" Puxa, cara, quando eu vi, tava dentro do carro, contando minha vida pra ele; a gente ficou conversando até cinco horas da manhã, eu falando, ele só ouvindo...

(*Gilberto de tal, marceneiro de uma obra na Rua da Assembléia*)

— Viado? Não: quando eu vejo um, me dá logo vontade de dar porrada./—também não é assim, né, cara?/—vai me dizer que você gosta?/—bom, gostar, não sei... (LAMPIÃO: — Mas já transou?) Quer saber de uma coisa? Já. E não me tirou pedaço, nem deixei de ser homem por isso./ — É, mas quem come acaba dando.../ — Eu sou é macho, cara! (Mudando de tom) Foi em São Paulo: lá tem cada boneca... Tava muito frio, ela me levou pra casa dela. A gente saiu várias vezes. Depois, tomei um porre, quando vi, estava trabalhando no Paraná, em Itaipu...

(*Geraldo, o "contra", e Carlinhos, o "a favor"; trabalham numa obra na Rua Buenos Aires, perto do Mercado das Flores, no Rio; o repórter do LAMPIÃO foi expulso do local pelo vigia da obra*).

— A primeira vez que eu entrei no vestiário me deu um troço: tinha mais de quinhentos homens pelados; aí eu fiquei pelado também, e comecei a escovar os dentes, como se não tivesse vendo coisa nenhuma...

(*S.S.A., homossexual, operário numa fábrica de cigarros no Rio*).

— Pode botar no teu jornal: meu nome é Vanusa, eu sou a rainha do metrô. Trabalho feito uma f. da p., não tem peão que me ganhe na hora de dar duro. Agora, quando a sirene toca, eu tomo banho, me perfumo, fico toda dengosa...

(*Vanusa)"o nome é esse mesmo"), peão do metrô no lote de Botafogo*).

— Vanusa? Cara perigoso tá aí, fica andando pra lá e pra cá com essa bunda toda empinadinha, mas quem quiser que mexa com ele. Dá porrada! De vez em quando pinta um garoto novo aí, quer tirar vantagem dele, Vanusa manda-lhe o braço, não perde uma.

(*Sebastião, peão do metrô no lote de Botafogo*)

— Pode ir tirando seu carro daí, meu chapa; eu tenho ordem do engenheiro pra não deixar nenhum viado ficar por aqui de bobeira; vocês só servem pra perturbar o bom andamento...

(*Vigia de obra na Rua Buenos Aires - quase esquina de Rio Branco —, respondendo à abordagem do repórter de LAMPIÃO*)

— Quem? Lula, o metalúrgico? Aquele gordinho? Ai! Ai! / Ui, ai, ai!

(*Vanusa, no mesmo lote do metrô, procurado uma semana depois, quando a gente já tinha entrevistado o Lula*)

— Eu sei o que você tá querendo, cara, sem essa de repórter; fala logo que eu não tenho tempo a perder. (LAMPIÃO: — E você, tá a fim?) Bom, conversando a gente se entende, né?

(*Não quis dar o nome nem mesmo "depois". Operário da fábrica Brahma*)

(*Rua do Lavradio, entre a Rua dos Arcos e a Avenida Chile, no Rio. De um lado, o sobrado também conhecido por "casa de Irene", onde moram dezenas de travestis. Do outro, um dos maiores dormitórios de uma empreiteira da construção civil. Onze horas da noite, sexta-feira. Os travestis, na porta do sobrado, já deram início à batalha. Do outro lado, sentados no meio-fio da calçada, uma fila de operários. Os travestis, empenhados em ganhar dinheiro, não olham em nenhum momento pra eles __ observam os carros que, lentamente, passam pelo local. Já os operários, não tiram os olhos dos travestis*)

Os peões? É tudo gente boa, malandra. Ficam do outro lado, com esse olho comprido pro lado da gente, mas não *perturbam*. De vez em quando chega um aí, às quedas de bêbedo, mas nem se *toca com a gente. Sabe de uma coisa? Deve ser isso o que chamam de consciência de classe: eles são trabalhadores, não é? Sabem o que é yrabalhar. No fundo, eles entendem que esse é o nosso trabalho; tanto faz, ficar carregando saco de cimento ou batendo perna na calçada. A exploração é a mesma. Aliás, por falar em exploração, quanto éque teu jornal vai me pagar pela entrevista, queridinha?*

(*A-bi-ga-il ("cuidado pra não errar"), moradora no sobrado da Rua do Lavradio*)

— Aquilo lá? Não é pra gente não, meu *chapa*. Parecem umas *rainhas*. Vê só os carros que ficam parando aí: é de Opala pra cima. A gente tem mesmo é que se virar com o pessoal do Mangue. Nem ali na Frei Caneca dá mais, o hotel tá custando 120 pratas! A gente fica aqui olhando porque é divertido: parece um teatro, *de vez* em quando eles cantam, dançam, um dia desse bateram num cara que tava muito folgado, aí, num *corcel azul*. Bicha... Olha, na minha terra não tem disso não! De onde eu vim? Do Rio Grande do *Sulll*. Se um deles quisesse sair comigo? (*Uma pausa. Ele examina os travestis, que se pavoneiam do outro lado. Tem uma loura, que parece "Lana, a rainha das selvas", com sua roupa toda de couro*) Olha, meu chapa, eu não tou enjeitando nada...

(*Lotário __ cruzes! __, pedreiro, na porta do dormitório da Rua do Lavradio*)

O segredo de Mário de Andrade

Mário de Andrade, fundador do desvairismo paulistano e da macunaimidade brasileira, é uma figura tão importante que, como não podia deixar de ser, continua discutidíssimo e sua biografia íntima misteriosíssima. Oswald de Andrade, fundador da antropofagia universal e universitária, casou-se e teve filhos __ e ninguém se preocupa com sua vida íntima. Os dois se desentenderam, por questões de idéias __ mas não se reconciliaram, por motivos pessoais. Testemunhos não faltam __ mas também não faltam reticências. Vejam o que diz o professor Antonio Cândido: "Um fato comentado naquele tempo era a briga entre Mário e Oswald de Andrade, ocorrida se não me engano por volta de 1929, depois de escaramuças anteriores. Nunca mais fizeram as pazes, embora tivessem antes sido o maior amigo um do outro, desde o momento em que Oswald descobriu *literariamente Mário (que conhecia desde 1917) e viu nele a realização do que aspirava em matéria de reforma, como deixou patente no famoso artigo "O meu poeta futurista" (1921). Por que motivo brigaram, nunca perguntei nem eles me disseram. Sei que houve uma ruptura maior, ficando de um lado Mário, Paulo Prado, Antonio de Alcântara Machado; de outro, Oswald, Raul Bopp..."*

Questões de idéias. E Antonio Cândido acrescenta: "Contava-se que Oswald fazia sobre o antigo amigo piadas terríveis e divertidas que corriam mundo. Mas eu só ouvi falar dele no plano intelectual, com discrição e naturalidade, talvez porque o tempo da virulência tivesse passado quando estreitamos relações. Lamento não ter anotado as coisas que me disse, pois esqueci a maior parte delas e a memória vai deformando o resto."

Motivos pessoais. Não é curioso? Nos meios intelectuais todo mundo comenta a vida "não intelectual" de Mário. Mas por escrito ninguém sabe nada. Antonio Cândido diz que as piadas de Oswald eram "terríveis", mas "esqueceu", por "discrição", naturalmente. Todos os que conheceram Mário mais de perto ficam cheios de dedos quando falam na sua vida "particular".

Já Aracy Amaral foi mais objetiva: "É só ler todas as páginas da "Antropofagia" no Diário de S. Paulo *para se ter esclarecida a razão do rompimento Mário-Oswald (apesar de para muitos "ainda permacer obscura")."; "...uma ironia mordaz que Mário finalmente não mais suportaria, rompendo em definitivo com Oswald".*

As tais provocações de Oswald, registradas na Revista de Antropofagia *(2ª dentição), são do tipo desta: "Os srs. Alcantara Machado (o Gago Coutinho que nunca voou) e Mário de Andrade (o nosso miss São Paulo traduzido em masculino)...." ou desta: "Não gostei, porém, das amarguras que Mário pôs no seu mingau. Mingau não queremos, Mário. Queremos amor. Aquele amor gostosíssimo que você botou nas estrofes do* CABO MACHADO. *Mas sem o incenso do coro de Santa Efigênia. Com a pimenta de* Macunaíma, *com que você queimou os beiços gulosos da Santa Madre Igreja." Como se vê, Oswald zombava de duas coisas em Mário: a religiosidade e... (as reticências ficam por conta da discrição "intelectual"). Depois disso, que tal reler, sem ironia e sem hipocrisia, dois poemas de Mário* (Glauco Mattoso)

Cabo Machado

Cabo Machado é cor de jambo,
Pequenino que nem todo brasileiro que se preze.
Cabo Machado é moço bem bonito.
É como se a madrugada andasse na minha frente.
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo
Adonde alumia o Sol de oiro dos dentes
Obturados com um luxo oriental.
Cabo Machado marchando
É muito pouco marcial.
Cabo Machado é dançarino, sincopado,
Marcha vem-cá mulata.
Cabo Machado traz a cabeça levantada
Olhar dengoso pros lados.

Segue todo rico de jóias olhares quebrados
Que se enrabicharam pelo posto dele
E pela cor-de-jambo.

Cabo Machado é delicado gentil.
Educação francesa mesureira.
Cabo Machado é doce que nem mel
E polido que nem manga-rosa.
Cabo Machado é bem o representante duma terra
Cuja Constituição proíbe as guerras de conquista
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.
Só não bulam com ele!
Mais amor menos confiança!
Cabo Machado toma um jeito de rasteira...

Mas, traz unhas bem tratadas
Mãos transparentes frias,
Não rejeita o bom-tom do pó-de-arroz.
Se vê bem que prefere o arbitramento.
E tudo acaba em dança!
Por isso Cabo Machado anda maxixe.
Cabo Machado.. bandeira nacional!

Moda dos quatro rapazes

Nós somos quatro rapazes
Dentro duma casa vazia.
Nós somos quatro amigos íntimos
Dentro duma casa vazia.

Nós fomos ver quatro irmãos
Morando na casa vazia.

Meu Deus! si uma saia entrasse
A casa toda se encheria!

Mas era uma vez quatro amigos íntimos...

Londres, Amsterdam, Berlim: onde o ativismo é pra valer

As perspectivas que encontrei em Portugal me deixaram esperançoso em relação a Espanha, também em fase de renovação post-franquista; porém, para fazer um roteiro turístico mais racional, uma vez que estou percorrendo a Europa de trem, não fui diretamente de Lisboa a Madrid ou Barcelona, as cidades onde sei existirem grupos importantes de conscientização homossexual.

Deixei Portugal viajando rumo ao norte, a Santiago de Compostela, Oviedo e San Sebastian, atravessando a seguir a fronteira com a França, até a cidade de Tours. Pretendia visitar alguns castelos do vale do Loire, mas o plano frustrou-se porque só se consegue isto, ou viajando de automóvel, ou através de uma excursão organizada, o que não é o meu caso por confiar demais na improvisação para a qual nem sempre as circunstâncias ajudam. Assim mesmo, dei uma passada por Orleans, Chartres e Versalhes antes de chegar a Paris.

Algumas horas antes do embarque em São Paulo, o colega lampiônico Trevisan me entregara às pressas uma lista de nomes dos grupos homossexuais organizados da Europa, que ele encontrara num livro do Allen Young. Mas acontece, como é natural que as pessoas, idem os grupos, mudam de casa; acrescente-se a isto que, devido à pressa, alguns endereços estavam incompletos, principalmente sem referência de números telefônicos. Caso do "Arcadie" de Paris, por exemplo. Restou-me o endereço da "Frente de Liberação Homossexual" francesa, na Rue Bonaparte, em Saint Germain, bem acessível porque a dois quarteirões do meu hotel. Fui para lá e no endereço, topei com a Escola Superior de Belas Artes. Achei estranho mas não impossível que um grupo de conscientização tivesse se formado numa universidade, com o mesmo endereço, talvez, e funcionando autonomamente. Principalmente porque numa escola de arte acredita-se que existam pessoas de sensibilidade, com possibilidades de *ser* ou pelo menos de entender problemas homossexuais. No entanto a primeira dificuldade começou com o porteiro do edifício ao qual indaguei com a maior naturalidade (tentando pelo menos), sobre o tal grupo de conscientização homossexual. A palavra "homossexual", principalmente porque foi dita sem mistério ou safadeza, deixou o homem lívido. Passado o susto, ele lançou-me um olhar gélido e com aquele ar de superioridade tão "agradável" aos estrangeiros e tão comum nos franceses, respondeu: "Mas senhor, tal coisa não existe! Isto aqui é a *Escola Superior de Belas Artes*". (Bastante ênfase ao citar o nome da escola). Fiquei sem saber se o que *não existia* ali era um grupo assim-assado ou o homossexualismo propriamente dito; e para ver até onde iria o seu preconceito, dei mais corda: "Eu sei que escola é esta, mas isto não impede que aqui dentro, entre os próprios alunos, haja um grupo desse tipo". "Mas isto é *impossível*! disse ele indignado. Notei então que o *impossível* não adviria do possível fato da instituição não permitir manifestações à margem das diretrizes artísticas, mas porque *ele, o porteiro*, como bom pequeno burguês francês, *já havia decidido* tal, não permitindo que homossexuais cruzassem aqueles umbrais. Mesmo assim, como nessas alturas eu já havia comprado a discussão e estava decidido a esclarecer sem desistir, disse que iria à secretaria da escola para uma informação oficial. E antes que ele saísse do seu cubículo impedindo-me de entrar, eu já atravessara o pátio, entrando no edifício. Só que em vez de dirigir-me à secretaria, que presumi ser no andar térreo, fiz a mesma indagação a dois estudantes que encontrei no hall. A surpresa (espanto?) foi quase igual a do porteiro. Com a maior "cara de pau" repeti a pergunta que nenhum deles souberam responder precisamente, até que o mais corajoso, apesar disso gaguejante, disse que "parece existir um movimento desse gênero entre os alunos mais adiantados, que estão numa sala de pesquisas do andar superior". Poderia ser uma gozação pra cima de mim ou dos colegas da tal classe adiantada; em todo caso fui pra lá. Dez ou doze rapazes e moças estavam reunidos em torno de um projetor de "slydes" e estendendo uma tela para projeção. Nessa altura dos acontecimentos percebi que o endereço fora mesmo anotado errado, mas era a minha oportunidade de "pesquisar". Repeti ainda a mesma pergunta a uma moça que se surpreendeu levemente, mas não se escandalizou. Também não tinha idéia do que e onde fosse mas chamou dois dos rapazes do projetor. Preparei-me para as reações. Um deles saiu logo pela tangente: "Desculpe, nada sei sobre isso"; e voltou a examinar "slydes". O outro (seria?) tentou ajudar e pareceu honesto: "Já ouvi falar de alguns grupos em Paris, mas não creio que exista algum aqui na escola. Desculpe..." Agradeci, saí, dei um afável "au revoir" ao porteiro e... desisti das investigações até obter indicações precisas.

Comecei então a buscar jornais gênero minorias homossexuais pelas bancas maiores e mais centrais de Paris. "Afinal se essa cidade é (ou foi) a capital do mundo, devem existir vários "Lampiões" por aqui, pensei. O resultado foi desastroso. A palavra "homossexual" causa nojo e horror também aos vendedores de revistas e jornais e como resposta, eles apontavam nas próprias bancas as publicações pornográficas de consumismo homossexual. Percebi aí mais um "caso especial" para análise: As tais revistas são postas bem à vista de quem passa, podendo até ser folheadas. Assim, o comprador não precisa perguntar por elas, o que evita constrangimentos, e nem o vendedor se "suja" mostrando-as. Um paga, outro recebe e ambos usufruem da libidinagem fazendo de conta que nada se passou de "anormal". Quando expliquei não ser exatamente aquilo que estava cercando e sim jornais que discutissem homossexualidade, a resposta foi ácida e tácita, como se eu os estivesse insultando e ao seu país: "Não existem, senhor. Não existem na França *esses* jornais!". Bem já que é assim, "adieu Paris".

Meu tempo de ação em Londres foi prejudicado pelo "week-end", possível razão dos telefones que eu tinha como referências não responderem. Na segunda-feira pela manhã um deles finalmente atendeu e era de uma agência de informações gerais (?). Dei o nome da instituição que estava procurando e recebi um número de telefone. Liguei e atendeu um senhor educado mas que nada sabia e nada tinha a ver (a julgar pelas respostas) com homossexualismo. Voltei a ligar para a tal agência: "Sorry, mas esta é a única indicação que temos sobre esse grupo". Estava de partida nessa noite para Bruxelas e Amsterdam e, para não me considerar de novo, como em Paris totalmente vencido, resolvi passar ainda nesse fim de tarde por um outro endereço (sem telefone) de grupo londrino, que tinha comigo. Era longe, chovia, quase 6 da tarde. Encontrei um prédio pequeno, antigo e totalmente fechado. Porém, para uma informação dirigi-me a uma livraria ao lado e o proprietário se identificou como um dos membros do grupo procurado (haviam mudado) e era também ele um dos editores do "Gay News". Conversamos sobre o "Lampião" e demais atividades tupiniquins (eles conhecem o nosso jornal e souberam, por tabela, dos nossos "relacionamentos sentimentais" com a Censura); recebi em troca vários exemplares do "Gay News", com inúmeras informações e endereços de grupos que infelizmente por falta de tempo, não pude procurar dessa vez. Fiz por intermédio dele uma profusa distribuição de exemplares atrasados do "Lampião", esperando que, com boa vontade, eles decifrem alguma coisa da língua portuguesa ou que consigam entender o que pretendemos vendo as figurinhas.

Estive em Bruxelas apenas um meio dia em que choveu, fez sol, ventou, nevou e fez sol novamente. Loucuras da primavera européia. Para não fugir à rotina anterior, os telefones de dois grupos homossexuais belgas não responderam. No entanto Amsterdam, onde cheguei nesse fim de tarde, curou-me de todas as frustrações anteriores: estabeleci contato imediato com o C.O.C. (Assoc. Holandesa para a Integração da Homossexualidade) e minha surpresa maior foi encontrar numa praça nas proximidades de um daqueles lindos canais, um edifício estreito de quatro andares, totalmente ocupado pela entidade, uma associação de voluntários com mais de 5.000 sócios e 29 secções pelo país, empenhada em reformas sociais que visam objetivamente os interesses dos homossexuais. Tal finalidade é obtida fornencendo informações reais e esclarecimentos sobre homossexualismo nas escolas, centros culturais, estudantis, de trabalho, familiares, religiosos e inclusive à polícia, entidades médicas e militares; além disso organiza grupos de discussão e anti-discriminação, estabelece contatos com outras entidades internacionais do gênero ou que se preocupam com direitos humanos, está planejando um projeto de proteção aos homossexuais que os defendam das leis punitivas de todos os países e, no campo individual e especializado, encaminha pessoas desajustadas à Fundação Schorer (Ofício de Consultas sobre Homossexualismo), além de manter um plantão telefônico permanente, para casos urgentes de assistência médica, psicológica ou jurídica. O C.O.C. edita uma revista mensal "Sek" e mantém um estreito relacionamento com o "Vrij Nederland", um dos semanários mais lidos nos Países Baixos. Também graças ao C.O.C., algumas leis da Holanda já foram modificadas: por exemplo, a supressão da homossexualidade como motivo constante dos certificados de alistamento militar e a redução para 16 anos (condição antes só permitida para a heterossexualidade) da idade permitida pela lei para o relacionamento homossexual entre adultos e menores. Sendo uma entidade reconhecida pelo governo holandês desde 1973, o C.O.C. desde então tem força para agir legalmente em defesa dos homossexuais. O seu reconhecimento e das entidades semelhantes em vários países do mundo, permitiu que em abril deste ano se realizasse na Holanda, a 1ª Conferência da Associação Gay Internacional (I.G.A.). Várias deliberações importantes foram tomadas na ocasião e, para minha maior surpresa, recebi de Bram Bol e Rob Pistor, encarregados do setor de Amsterdam do C.O.C., uma cópia da carta de protesto pela atitude da censura brasileira contra o "Lampião", carta essa redigida durante a Conferência e assinada por 13 entidades internacionais, cuja via original foi encaminhada via Brasília D. F. ao nosso ex-ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão. É claro que sendo a I.G.A. uma associação internacional reconhecida e os nossos amigos holandeses, pessoas bem educadas, estão eles ainda à espera de uma resposta do ministro ou do seu sucessor, mesmo que evasiva. Não comentei nada na ocasião, mas conhecedor da pouca importância que se deu até agora, aqui no Brasil, aos direitos dos homossexuais, e os discutíveis critérios adotados pela nossa censura, posso imaginar o destino insólito que teve a tal carta. Considerei também, como consolo, que um dos mais comuns costumes brasileiros é nunca responder cartas e, sem pretender justificar ninguém nem ditar regras de boa educação, acho que o senhor ministro poderia ter, pelo menos, enviado um postalzinho com uma vista de Copacabana, acusando o recebimento. Não custaria nada e eles não guardariam uma impressão desfavorável de nós. Mas enfim, cada um que fique com o seu problema e com a sua consciência...

O que o pessoal do C.O.C. também reclamou, foi da escassa ou nenhuma informação e colaboração com notícias, sobre os países do chamado Terceiro Mundo, além de outros da própria Europa que ainda se mantêm alheios ao movimento homossexual, como Portugal e os da Cortina. Sobre Portugal, disse-lhe o pouco que havia observado e que narrei no meu artigo anterior. Sobre a Argentina e apesar da nossa vizinhança, notei que estão melhor informados que nós, a propósito de perseguições, prisões e torturas. Finalmente recebi deles um calhamaço descritivo das atividades atuais do C.O.C., mais um relatório do que a 1ª Conferência do I.G.A., vários exemplares da revista "Sek" e uma relação completa e atualizada de todas as entidades e seus representantes que participaram da reunião. Foi desse modo que estabeleci um cordial contato com os representantes do AHA na Berlim Ocidental, dois jovens estudantes e ativistas homossexuais que vivem juntos há alguns anos. Aproximadamente 20 cidades da Alemanha Ocidental, me disseram eles, já têm grupos de conscientização e em Berlim existem mais dois, além do AHA, que publica o mensário "Berliner Schwulen Zeitung". Perguntei-lhes também sobre a parte oriental do país, mas existe ainda alguma dificuldade de contato. Porém está comprovado que apesar do sistema dominante soviético, que na Rússia é punitivo, os homossexuais alemães orientais, desde que não deem muita pinta, podem até viver juntos. Só que, há algum tempo atrás, quando à exemplo do resto da Europa, eles começaram a formar grupos de conscientização, foram prevenidos de que deveriam dissolvê-los, sob a ameaça de perda das liberdades individuais.

Com esse preâmbulo, passei na manhã seguinte para a parte oriental de Berlim e nessa mesma noite para Praga, na Tchecoslováquia. Pus logo as minhas antenas em funcionamento, mas no percurso pelas ruas quase desertas de Berlim, entre a Ilha dos Museus e a Opera Cômica (onde assisti uma magnífica montagem da ópera "The Rake Progress", de Strawinsky), só vi um bando de cisnes e alguns soldados jovens, na janela de um quartel, distraindo-se da monotonia do domingo, com o embalo de uma música de discoteca, captada num rádio de pilhas.

Haviam dito que Praga era uma das cidades mais bonitas da Europa. Bem, assim sendo, o que dizer então de Viena, Paris, Amsterdam ou Veneza? Os meus desajustes com a Tchecos-Eslováquia, onde planejara passar 3 dias, começaram no próximo trem da madrugada, onde cada 15 minutos vinha alguém fardado me acordar para pedir documentos ou fazer perguntas incompreensíveis. Na estação de chegada não havia onde deixar as malas, que ultrapassavam o peso estabelecido para o depósito manual e as medidas exíguas das caixas automáticas. O café com leite do restaurante da estação era sem leite e o pão duro, e sem manteiga, tudo servido com displicência e até carente de asseio. As fisionomias à volta eram em geral tristes e desconsoladas e fazia muito frio. Aos meus pedidos de informações feitos em inglês, as respostas eram sempre com um monossílabo parecido com "não" ou "não sei". Tentei entremear no texto algumas das poucas palavras em alemão que conheço, mas o resultado foi igualmente negativo. Como transcorria a semana proletária que é mais do que uma semana de feriados, porque começa em 1° de maio e vai até 9, todos os bancos, escritórios e casas de comércio estavam fechados e, se não fossem os poucos dólares que providencialmente e clandestinamente eu trocara em Berlim por dinheiro Tcheco, eu não teria podido me locomover e nem mesmo tomar aquele café horroroso de que falei há pouco. Acho que nunca na minha longa e experiente vida me senti tão totalmente produto da decadente e mal acostumada burguesia capitalista como lá em Praga. Assim mesmo saí andando pela parte antiga da cidade que, para não ser injusto, devo reconhecer que é bonita: e na falta de coisas mais interessantes para fazer, fotografei as bundas das estátuas em mármore da fachada de um edifício público. (Era uma massaroca de corpos masculinos em atitudes ingênuas mas bastante comprometedoras, pra quem quisesse enxergar...). Pretendia com essas fotos ilustrar este artigo, dizendo que o homossexualismo em Praga estava petrificado ou então outra frase inteligente e de duplo sentido que eu inventaria no momento, mas infelizmente o tal filme deve ter caído da minha mala nas andanças posteriores, porque não consegui mais encontrá-lo.

Pelas duas da tarde senti fome. Nada mais normal para isso que entrar num restaurante e comer. Mas todos os restaurantes estavam fechados devido ao feriado. Quem consegue entender? Retornei à estação onde pelo menos eu sabia existir um café com leite (sem leite) e um pão com manteiga (sem manteiga) para tapear a fome. Ao atravessar o hall central notei uma placa sobre uma porta onde havia uma frase em tcheco com uma tradução em francês: "peruchier pour hommes et dammes". Bem, já que eu estava meio chateado em relação a Praga, não queria ir embora sem a possibilidade de ter visto pelo menos uma bicha socialista; afinal, onde tem fumaça tem fogo. Empurrei a porta, mas azar, ela estava fechada. Feriado. Voltei ao restaurante. Entre um prato desconhecido, escrito em tcheco no cardápio e um goulash, preferi o goulash, que veio encardido e numa porção mínima (Eles têm consciência de que ninguém agüenta comer muito daquilo, por isso servem pouco). Estava terminando o almoço (?) quando numa mesa próxima sentaram-se dois rapazes, um deles de sobrancelhas levemente depiladas, unhas longas e tratada e fazendo olhos e bocas para o outro — é claro que tudo dentro dos limites de discreção permitidos pelo sistema. Seria a minha grande oportunidade de descobrir coisas na Tchecoslováquia. Titubiei fui, não fui, depois criei coragem, levantei e dirigi-me a eles perguntando se falavam inglês (Se falassem eu perguntaria qualquer coisa idiota para iniciar conversa). A resposta foi com aquele mesmo monossílabo anterior, em tcheco. Pensei ainda em insistir, mas eles não estavam demonstrando muita vontade de conversar com um estrangeiro e acabei desistindo: tanto de me comunicar como de permanecer em Praga. Ainda não escurecera completamente quando peguei um trem para Viena.

Darcy Penteado

Clarice: do outro lado do espelho

José Edson Gomes telefona pra gente e anuncia: quer escrever pro LAMPIÃO. Surprise: não é o primeiro machão notório a assinar matéria em nossas páginas, mas é o primeiro, sem dúvida, a se mostrar tão entusiasta — quer publicar não apenas uma matéria, mas se tornar um colaborador quase que permanente do jornal que ele considera "um barato". Ele, pra quem não manja, é autor de dois livros de contos da melhor qualidade (isso é muito pouco), "As Sementes de Deus" e "Os Ossos Rotulados", e de mais de uma centena de livros, feitos por encomenda e vendidos em bancas de revista.
Em sua estréia lampiônica, um assunto delicado: ele traça o perfil de uma moça, sua conhecida das noites paulistas, que, "jovem e bonita, amando as mulheres, não conseguindo e não tendo interesse (de espécie erótica) por homens, não sabe que, em torno dela e pelas saliências do mundo existe uma luta, clara ou surda, pelo reconhecimento desse tipo de mulheres". Seu nome é Clarice. 'Deixemos que ela seja vista pelo outro lado do espelho. (AS)

Clarice tem dezenove anos, é mineira ("sei lá, talvez também goiana, talvez carioca.. não posso jurar pela fidelidade de minha mãe, que nasceu em Minas"). O trecho entre aspas e entre parênteses define Clarice. A tentativa um pouco áspera e um pouco agressiva de fazer humor, é, também, uma insegurança geral diante dos fatos e das coisas, de tudo que a rodeia e cobre.

— Procurei você — disse ela, depois de meia-hora de cana — por julgá-lo uma pessoa capaz de me entender.

Não havia o que entender. Apesar disso, mais que uma pessoa para entendê-la, ela queria alguém que a reprimisse. E ali estava eu, entretanto, mais interessado na mulher bonita e feminina como só algumas lésbicas magníficas conseguem sê-lo. Sem julgamento: talvez pelo fato de ficarem sempre preparadas para *alguém* que, ao contrário dos homens, de alguns homens, não são *machistas*, violentos e, melhor, saiba que ternura é a primeira e última palavra numa relação amorosa.

Pois bem, Clarice. Apesar do nariz feito de osso e pele, longo e afilado demais, deve ser chamada de bonita. Eu a chamaria de linda, pois aquele olhar de pálpebras enormes, negras e recurvadas, bastaria para mover céus e terra.

Quando nos encontramos (houve um só encontro) eu não sabia os motivos que a tinham levado a querer a entrevista, julgando, pretensiosa e idiotamente, que viera atraída pelo "homem" desde que a base de nosso contato tinha sido esta. (Zé Edson, tem uma garota aí que quer te conhecer. "Bonita?" Linda). Foi marcado um encontro e, ela pediu, sem testemunhas, em frente a uma pizzaria-rodízio, junto à estação de São Judas (metrô).

A visão da garota de *jeans* negro me causou um choque, pois o máximo que eu esperava era uma comida transitória e o mínimo um cachaçal pelos botequins da vida. Mas ali vinha chumbo grosso e precisei consultar meu astral, pois sou de Capricórnio, para saber se, mais uma vez, não ia fazer besteira diante de uma mulher bonita. Os astrais responderam, num breve coro: vai. Como sempre. Este como sempre foi acrescentado por mim, numa honesta cooperação com os astros.

De qualquer modo, eu me firmei nas bases, pois já estava quase habituado com o interesse de leitoras (a maioria ruins e pré-alfabetizadas) dos meus livros ditos eróticos. Também, acrescente-se, já estou numa idade onde as coisas que se mexem são sempre caça e, tendo os dentes fracos, habituei-me ao capim novo.

Pois bem: Clarice, de negro, cadernos escolares protegendo o busto ou aquecendo-se contra o frio paulistano, desde que maio terminava gelado, se apresentou:

— Sou Clarice. A amiga de Elisa.

— OK. Como me identificou?

— Já o tinha visto com Elisa.

Minha certeza de que meu charme de homem muito feio e vestido com trapos tinha agido sobre ela se confirmou ao perceber que seus olhos seguravam os meus com intensidade e segurança totais, como se eu, de repente, fosse um objeto adorado. Fremi. Tremi. Gamei. Oh, ilusão machista, inspiradora de oito mil decepções!

— Vamos beber?

— Não bebo... bem, uma cerveja.

Metrô. As pessoas nos olhavam, mas eu estava certo que só viam os olhos poderosos de Clarice e, nem disse ainda, seus cabelos negros, leves, esvoaçantes e brandos. E viam também um velho embasbacado, firme na pose de acompanhante da beldade (êta, palavra!).

Lixão. Os bares de Sampa, como os bares de todas as cidades grandes, dividem-se em três categorias: os sujos e pequenos, minha preferência; os grandes e muito claros, meu terror; e os escuros, mas caríssimos. Depois de muito caminhar achamos uma espécie de lanchonete, silenciosa e vazia, talvez devido a uma corrente de ar que a atravessava impunemente.

Pedi nossa cana e, olhando-a depositar os cadernos sobre a mesinha, percebi a razão porque mantivera os seios protegidos: caíra-lhe um dos botões da blusa, estratégico, criando um decote delicioso, porém anormal. Aquela visão magnífica me deixou feliz e infeliz, desde que a dividia com outras pessoas, mas, aparentemente, não havia alternativa.

— Estou com o botão... você tem agulha?

Como trocadilho, seria de mau gosto. Levantei-me da mesa, pedindo licença por dois minutos, ciente de que os bazares do Lixão não fecham nunca e voltei com linha e agulha. Aqui abro parênteses: para anular minha atitude machista. Clarice estava sem sutian e, com os seios grandes, firmes, a ausência do botão exagerava a exibição do busto, o que tornaria nossa situação incômoda naquele bar de pedestres. Colocado o botão, o panorama se tornou razoável, provocativo.

— Li seu livro "Desafio Erótico".

— Uma baboseira, como outro qualquer.

— Não fale assim. *Deste* gostei muito.

— Ótimo.

— Quer que vá direto ao assunto?

— Se prefere. Para mim, olhar você já é muito bom.

Sorriu. Descontrolou-se e terminou rindo e seus olhos transparentes se tornaram úmidos, sua boca revelou de modo absoluto os dentes brancos, bem desenhados.

— Adorei Nancy — disse — Mas sou como Bárbara. Um retrato fiel.

Pronto. Estava anulada minha ilusão machista. A fruta que me agradava, pelo certo, era adorada por Clarice, pois, outro parênteses, ela se referia a personagens de um dos meus livros populares, livro que estava nas bancas por aqueles dias, e que abordava, com suavidade e cautela, como aceitam meus editores, roseamente, relações *de amor* entre mulheres, o que, achem-me depravado, acho lindo. Também lindo, como é e pode ser linda qualquer relação de amor, até entre o homem e a noite, a natureza, os bares e as calçadas, Mas aí já é outro assunto.

Dizia: Nancy, com quinze anos, terminava construindo uma aventura homossexual (a palavra é ruim desculpem, mas aqui não tenho outra) com Dolores, a personagem central da história. As duas chegavam, no livro e na vida real, pois parti de pessoas existentes, a se apaixonar, o que, mais na vida real do que no livro, criava um drama terrível. Dolores, 36 anos, e que se julgava condenada aos homens; Nancy, 15 anos, ainda inocente do amor, assustou-se a ter o delírio com a novidade. (Tudo isto está no livro apenas com meias-tintas, mas profano aprofundar o tema e a trama, tão logo haja oportunidade).

Pois bem: feito o retrato parcial de Nancy, vamos ao enfoque de Bárbara, que agradara a Clarice. Bárbara, uma lésbica (oh, diabo, preciso de um dicionário ou, então, de inventar palavras) assumida, partida para as aventuras com um deslumbrante tal que emulava aos machos efetivos na conquista das namoradinhas. Eis Bárbara. Eis Clarice.

— Então, você é como Bárbara?... — perguntei, ainda timidamente, diante daquela figura tão evidentemente "feminina".

— Ah, tão perfeitamente, que até achei que alguém lhe falara de mim. Há quanto tempo conhece Elisa?

— Fique sossegada. O livro foi escrito seis meses antes de conhecer Elisa. Aquele tipo de mulher, eufórica diante de outra mulher, sua parceira natural, que eu julgava ter sido invenção minha... isto é, achava sinceramente um retrato falso, artificial...

— Não é, bem, não sou...

Clarice, depois de uma hora de diálogo, revelou-me duas coisas: uma dedicação ao amor como nunca vira antes e a confirmação de que o macho-macho não está com nada, se é que já esteve, a não ser idealmente. Ou seja: algumas mulheres, que julgo normais, sonham com ele e supondo achá-lo, partem para mais uma frutração.
E estas mulheres, que julgo mais normais ainda (Dolores), achando por escolha ou acidentalmente uma aventura com parceira do mesmo sexo, recolhem-na surpresa e, como se vissem um diamante em plena palha, tremem nas bases: "Então é isto?" É.

Minhas experiências intelectuais, assim como minha experiência (que preciso tornar maior) com bares e calçadas, coloca-me em contato, não físico, ainda não físico, com homossexuais que, como é característico dessa gente tida como excessão, fala por metâforas, desvia-se do assunto, dá saltos, quando não está entre seus pares, melhor, entre pessoas afinadas. E eu sou rude e canhestro no trato com ela, apesar de uma completa (ah, possível) ausência de preconceito.

Clarice, por exemplo, tentava se abrir, mas não saía do nível a que estava acostumada, nem conseguia sair, fazendo com que a barreira entre nós não deixasse jamais de ser desastrosa.

Da minha parte a barreira era feita de pura e absurda incompreensão, pois não conseguia me afastar da intenção reformista, como se o fato de deitar-se com um homem, abrir as pernas para aquele pedaço de carne ciumento pudesse modificá-la jamais. No fundo, com minha aparente liberalidade, eu não passava de um homem igual aos que, com maior grau de estupidez, diriam: o remédio para elas é um macho. Não é e, por sorte, elas não gostam do remédio. Por sorte porque, sendo assim, aceitariam sua escolha com um erro. E tudo perdido.

Aí está Clarice, um retrato apenas sugerido, mas já com alguns contornos. Ela sabe — e me revelou ainda mais — que toda relação erótica é perfeita se for construída em cima ou a partir do amor, que torna importante cada gesto, cada movimento do ser amado, sendo que um toque mínimo, feito com a ponta dos dedos, um olhar que se segura, um movimento de lábios e, mais ainda, uma aproximação dos corpos, ambos nus ou preferivelmente nus, uma aproximação gradual, lenta, como se ambos empurrasem barreiras, como se ambos tivessem chumbo nos pés, é tão dolorosamente deliciosa quando o encontro final, o toque de peles, de bocas, de bocas e testa, de peito e coxas ou, seja, de seios e busto. O entredevorar-se, como a lingueta de sombra que o sol constrói e devora.

A maior parte do que foi dito aqui é pura descrição do óbvio, sem dúvida, mas este texto não teve outra finalidade senão o de apresentar Clarice, uma mulher como as outras, com a diferença somente de que "não parece ser o que é", embora eu não saiba exatamente o que ela é, pelo menos no sentido de minha própria frase entre aspas.

Diante dela tento apenas construir uma relação sem barreira (o que é difícil, pois ainda estou amarrado), com a finalidade — egoística — de aprender o ser humano. Mas, alguém diria, há tantos livros por aí que ensinam o homem, definem o ser humano! e eu respondo: leio muito mal nos livros.

José Edson Gomes

Bixórdia

Balé é coisa pra macho

Considerado até há pouco uma coisa proibida para homens, *o balé foi sempre o refúgio de bichas malditas, nascidas de famílias pobres demais para protestar contra qualquer coisa que seus filhos fizessem para ganhar dinheiro, ou que tinham saído de casa por causa da opressão familiar. De uns tempos para cá, no entanto, as classes dominantes em nosso país, que sempre transformaram certas manifestações artísticas __ balé, ópera, concertos, etc. __ num privilégio delas, resolveram resgatar o balé para os seus filhos. De repente, no Rio, um bando de rapazes, filhos de gente que tem lugar marcado nas colunas sociais, passou a estudar dança. E então, foi preciso acabar com aquele conceito de que todo bailarino é bicha. Dalal Achcar, granfina e dona de uma academia, disse há pouco que seus alunos "até namoram com as moças", fazendo questão de desmentir que o balé transforme as pessoas em homossexuais. É isso aí, Dalal, a gente concorda inteiramente com você: o que torna as pessoas automaticamente homossexuais não é o balé, mas a prática sistemática do tênis... Quanto às bichas malditérrimas que insistem em estudar balé, elas que se cuidem; vai chegar o dia em que, se quiserem entrar numa academia terão, em vez de fazer os habituais* plier, *que se submeter ao exame da farinha.*

Morreu Procópio Ferreira. Era um homem tão integralmente de teatro que até os seus atos sexuais eram atos teatrais. Que o diga a sua casa, dotada de um palquinho, em Nova Iguaçu. Nesse palquinho aconteciam coisas, *dirigidas e assistidas por ele. Há maior eleogio a um homem de teatro? Até no prazer sexual o teatro estava nele! Que interprete e contracene em paz.*

VIVA PRISCILA — No dia 12 de junho, durante um debate na sede do LAMPIÃO, houve um momento em que Priscila quase aderiu à discussão, por causa do entusiasmo de sua mãe, em cujo ventre ainda estava. Acalmados os ânimos, no entanto, ela resolveu ficar por conta do alarme falso, mas só por alguns dias: no dia 18, num local mais apropriado — uma maternidade —, ela dava o seu primeiro e vigoroso berro, mostrando que debate é uma coisa da qual ela vai adorar ser participante. Priscila, a recém-nascida, é filha de Glorinha Pereira, grande amiga do povo guei. Sorte a dela: ser filha de quem é, e estar nascendo num momento em que o mundo está brigando pra ser melhor.

Ah, as colunas sociais, como são inefáveis nas suas tolices diárias! Já se falou na Bixórdia passada sobre como seus autores se arvoram, na sua santa leviandade, em protetores e críticos de todas as artes. Até aí, vá lá. Mas quando esses epígonos do bom tom passam a ditar regras para a sociedade como um todo, a coisa torna-se insuportável. Um deles, por exemplo, escreve seguidamente contra a "mistura" do Arpoador, cuja praia é invadida por suburbanos barulhentos e desagradáveis na temporada de verão. Esse mesmo áulico de senhoras repuxadas até o esgar por cirurgiões plásticos que detestam mulheres, teve a audácia de reclamar outro dia porque um senhor distraído às canchas públicas de tênis da Lagoa Rodrigo de Freitas sem o uniforme, calçando sapatos de charol. Pode? Imaginem vocês se essas mentalidades autoritárias e elitistas conseguirem algum dia posição de mando real neste pobre país, já tão massacrado por espiroquetas de todo tipo.

Estranhíssima a nota que Sebastião Nery publicou em sua coluna da "Última Hora", dia 12 de junho, sob o título de "Lampião para Andreazza". Diz ele que um jornalista "é (e deve ser) um lampião ajudando a clarear a caminhada"; e mais adiante: "se ele (o jornalista) sair batendo palmas, quem segura o lampião?" Tudo isso a propósito do tal "Projeto Rio", que o Ministro acaba de lançar, e que Nery acha elogiável. "Agora", diz ele, "é acender o lampião e cobrar do Ministro Andreazza seu excelente e inadiável projeto". Duas coisas, Tiãozinho: primeiro, nosso Lampião é aceso demais; daí, a gente acha que o projeto é excelente mesmo para os empresários da construção civil, que, graças a ele, vão contar com muita obra pela frente; e segundo, nosso Lampião não foi aceso para iluminar a caminhada de qualquer um não, tá?

Quando este LAMPIÃO chegar às bancas, os ares da abertura terão soprado um pouco mais __ agora chegou a vez da anistia. O Sr. Leonel Brizola já está de mala pronta (calma, queridinho...) pra voltar. Ele fala de democracia e liberdade de expressão. Olha aí, Brizola, quando reorganizar o seu PTB não esqueça de nós: também somos trabalhadores, e precisamos de liberdade para que o País continue se beneficiando dos nossos esforços. Que a sua nova posição não seja conservadora ou moralista em relação a quem não come do seu prato. Esperamos que os ares europeus, e americanos tenham refrescado sua cabeça, viu, furacão dos pampas?

Morreu. a chanteuse francesa Jacqueline François. Loura, alta, linda, voz de agridoce timbre morno, ela fez sucesso nos palcos (e fora dele) de todo o mundo até o início da década de sessenta. Mas foi nos anos 50 que seu nome andou nas bocas-pequenas entendidas internacionais por um jeito incomum para a época. Durante temporada londrina, namorou uma jovem lady casada; do namoro à aventura romântica foi um passo. E, da então nevoenta Londres, as duas voaram diretamente para a ensolarada ilha de Lesbos, na Grécia, onde foi a lua-de-mel. O lorde-marido amargou seu aplomb *e classe num castelo úmido da Escócia, à espera da cara-metade __ que nunca voltou, enredada pelos encantos de François. Ou Jacques, como queiram.*

Os jornais noticiaram há pouco uma rebelião inusitada, nestes tempos de rebeliões previstas pelos códigos ideológicos. Na cidade de Renteria, no país basco (anexado à Espanha), cerca de mil pessoas realizaram uma manifestação de protesto contra a morte de um travesti que fora assassinado por um policial. Os manifestantes atacaram a delegacia com pedras e coquetéis molotov e foram dispersados pela polícia, que usou bombas de gás lacrimogêneo e balas de borrachas. Comentário sucinto de Rafaela Mambaba: "Eu sempre disse que esses bascos vão longe."

TENDÊNCIAS

o livro

O dedo do autor

Este rapaz, com este dedo enorme e esta barba negríssima, chama-se Flávio Aguiar; é escritor, e acaba de lançar um livro de contos chamado "Os Caninos do Vampiro", que a gente recomenda (infelizmente só o livro, porque o autor não será exposto nos balcões das livrarias...). Outro livro para os lampiônicos curtirem (também de contos) é **Sangue, Papéis e Lágrimas**, *de Doc Comparato, lançamento da nossa irmãzinha, a editora Sigmunda Codecri. E não esquecer que já está nas livrarias o novo livro de Aguinaldo Silva,* **No País das Sombras** *altas transações homossexuais entre dois soldados portugueses, em Olinda (pasmem!), 1604. Por último, um livro de poesias (por último, mas não em ordem de importância):* **Coxas** *de Roberto Piva; há quem diga que o título do livro está incompleto: devia ser "coxas quentes". O livro de Piva vai entrar em nosso reembolso. Quem quiser, já pode ir reservando o seu exemplar.*

Um livro só para homens

"O relatório Hite da homossexualidade masculina": apenas uma frase de efeito publicitário? Nem tanto. Para escrever este seu **Relatório Sobre a Homossexualidade Masculina,** Michel Bon e Antoine d'Arc distribuíram a 15 mil assinantes da revista **Arcadie,** uma publicação dirigida aos homossexuais franceses, oito páginas de um questionário contendo 79 perguntas. Estas versaram sobre identidade, fé, vida cotidiana, além de uma segunda parte, reservada aos homossexuais que viviam "em casal", e que tinha por objetivo a história e a vida desse casal. Dos 15 mil questionários enviados, mil voltaram com as respostas; foi sobre eles que os dois autores trabalharam, até chegar ao que chamam de "convergência de uma abordagem psicossociólogica e psicanalítica".

Algumas explicações dos autores sobre o seu trabalho:

A ausência de mulheres: "Antes de tudo, não tínhamos meios de pesquisar junto a um grande número de lésbicas, estas freqüentando pouco os movimentos homófilos. Acreditamos, por outro lado, que cabe às mulheres fazer pesquisas sobre si mesmas".

A preferência por homossexuais "normais": "Não queríamos fazer um estudo clínico qualitativo. Tais estudos existem e são apenas casos particulares, que não podem fornecer uma imagem real da homossexualidade: nosso objetivo foi realizar um estudo quantitativamente válido e, portanto, necessariamente mais superficial".

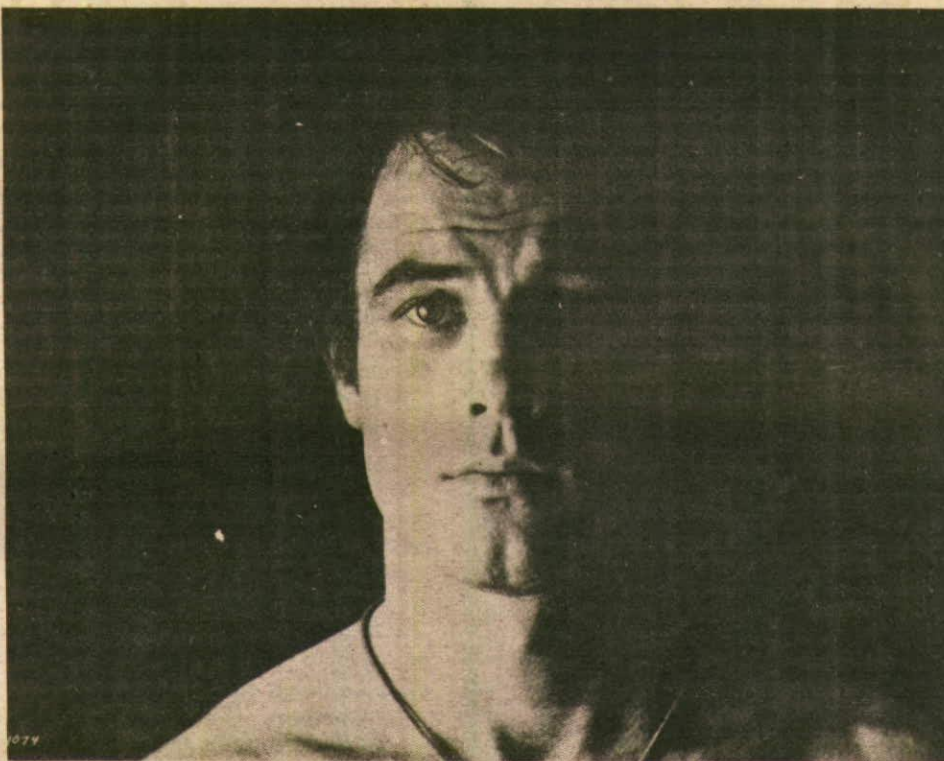
Sobre a sexualidade dos autores e seu compromisso com o assunto: "Um e outro tiveram, em certo momento de sua vida adulta, um comportamento homossexual, e noutro momento um comportamento heterossexual. Ambos vivem atualmente em casal, um com um homem, o outro com uma mulher. Vai-se dar a homens que tiveram um comportamento homossexual o crédito de falar objetivamente da homossexualidade? Que aqueles que estão prontos a suscitar um protesto recusem então, igualmente, os autores de comportamento heterossexual quando falam do amor heterossexual e analisam o comportamento dos parceiros amorosos".

Relatório Sobre a Homossexualidade Masculina. Editora Interlivros. 381 páginas, Cr$ 330,00.

O expresso da repressão

João Silvério Trevisan

Há duas cenas em *O Expresso da meia-noite*, de Alan Parker, que praticamente resumem o filme e revelam um significado que transcende a própria obra, ao ilustrar os mecanismos da permissividade nos meios de comunicação. Por elas fica patente que, através de seu discurso a favor da liberdade, o filme está perpetuando certos esquemas de repressão. As duas cenas são: 1) o momento em que os dois rapazes (um dos quais o herói) se acariciam e se beijam liricamente, por entre os vapores do banho, num clima que me parece mais poético do que erótico; de repente, o protagonista (aquele que carrega consigo a "boa nova" do diretor) afasta-se do companheiro, com um meio-sorriso, e faz um eloqüente sinal negativo e castrativo; imediatamente após esse gesto, há um corte e o filme vai continuar bem longe dali; 2) a cena em que o protagonista (ainda e sempre portador da "mensagem de liberdade") recebe a visita da antiga namorada, no manicômio onde a polícia turca o enfiara; passado o primeiro instante de perplexidade, ele pede que a moça abra a blusa e lhe mostre seus seios; em prantos e a contragosto, ela acede, enquanto o herói começa a se masturbar, com os olhos pregados nos seios da mulher; ele tenta tocá-los e pegá-los, mas existe um vidro separando os dois. Quero analisar como o autor assume na primeira cena a mesma postura repressiva que ele critica na segunda. Mais: numa e noutra, ele usa elementos da permissividade (contacto homossexual, masturbação e voyeurismo) *sem* transgredir as regras; aliás, o permissivo é que cria condições para que a repressão seja exercida — o filme impõe restrição à necessidade evidenciada pelo filme. Na primeira cena (homossexual), o permitido está entre vapores, opaco; o diretor assume a proibição implícita no que está sendo contado e expressa-a ou condiciona-a de forma "embaçada"; quer dizer, sua *mise-en-scène* já informa implicitamente *que se trata do proibido;* em seguida, a proibição é tornada explícita através do gesto de negação do herói ou mocinho. Na segunda cena (heterossexual), há um alívio apenas aparente na exposição da situação; também aqui a forma carrega uma clara repressão; desta vez o clima resulta compulsivo e, sobretudo, enfatiza o ponto de vista masculino: os seios são fartamente expostos para que o herói/espectador se masturbe diante deles; ao contrário, o ponto de vista da mulher é evidentemente *casto* porque a cena é *castrada:* o herói/espectador masturba-se mas "esconde" pudicamente seu sexo, apesar de manuseá-lo com voracidade. Se bem que existe castração nas duas situações, há uma diferença fundamental e radical entre ambas: exatamente porque uma fala do homossexualismo e a outra do heterossexualismo. No primeiro caso, a *proibição* é total e assumida pelo diretor; no segundo, o caminho está aparentemente livre, mas só permite a complacência pela violência; o diretor quer mostrar que esse amor (socialmente *legitimado*) entre pessoas de sexo diferente está sendo violentado pelo sistema social repressivo; ora, a própria cena é parte e reflexo desse sistema, porque complacente, mórbida, unilateral. Aí se encontra o ponto central da crítica ao permissivo. Nas duas cenas o diretor assume o sistema, cada uma à sua maneira. Na primeira, ele se mostra diretamente repressor: assume e perpetua a repressão ao amor homossexual; na segunda, utiliza manhosamente e acriticamente os mesmos elementos que diz criticar; e, na verdade, os recupera aqui, com base no socialmente permitido. Em relação à cena anterior, a cena hetero não só não transgride regras (ao contrário do que superficialmente pareceria) como as confirma.

Nesse sentido, seria interessante perguntar por que o herói se nega ao homossexualismo, dentro de uma relação terna, e se atira ao heterossexualismo, numa situação canibalesca. O protagonista com certeza não nasceu com uma "vocação" heterossexual; antes de tudo, *ele é fruto de uma cultura* que consagrou a relação entre sexos diferentes e exilou todas as demais formas de sexualidade. O diretor também responde a esse condicionamento. Só isso explica que, mesmo possibilitando uma igual descarga de libido, a relação homossexual sofre rejeição — em nome de princípios socialmente consagrados e, portanto, indiscutíveis. A repressão é tamanha (no personagem/diretor) que nem uma necessidade extrema (longa abstinência sexual-afetiva) consegue romper a resistência ao relacionamento íntimo entre duas pessoas do mesmo sexo. Mas, vários

Brad Davis, numa cena do "Expresso da Meia-Noite"

anos depois, ocorre uma possibilidade única de descarregar a libido por vias satisfatórias ou permitidas ("legítimas", "maduras", "normais"); então, entre o sexo feminino exposto e o pênis escondido existe o vidro que o manicômio (a instituição repressiva) colocou. Ou seja, nos dois momentos o diretor colocou um vidro entre os amantes; no primeiro caso, o vidro é simbólico mas real através da negativa, após sugerir-se o ato proibido; no segundo, o vidro real confirma, pelo protesto, uma necessidade considerada legítima, mas que a instituição-vilã-inimiga-negativa do presídio proíbe. O vidro real que existe na cena hetero e que é criticado por separar os amantes é entretanto colocado simbólica mas efetivamente na cena homo, pelo *mesmo* diretor. Com isso, não se pode levar a sério sua crítica social que se revela totalmente óbvia e impostada; assim, a segunda cena, feita para ser patética, resulta constrangedora quando vista sob a perspectiva da primeira. Em outras palavras, se numa cena o diretor "critica" os limites impostos aos amantes, na cena anterior ele coloca o próprio herói como veículo e expressão dos limites aos amantes. Parece-me que fica bem clara uma divisão maniqueísta entre bom e mau, já na forma e mesmo nos interstícios da forma aparente. Existem efetivamente dois pesos e duas medidas para os amores humanos. Num e noutro caso, o filme revela-se não uma fábula a favor da liberdade (como se quer provar) mas um atentado *contra* ela. Trata-se da técnica mais moderna de bem-reprimir: com açúcar, pitadas de "compreensão", (falsa) eloqüência libertária. A partir dessas cenas, podemos concluir que, na verdade, em nome da luta contra a tirania (estrangeira e distante, porque *os turcos é que são assim*), o herói confirma valores consagrados e acentua essa mesma tirania social que está pretensamente criticando.

A princípio, parece contraditório o clima poético da cena homossexual; mas, indo mais a fundo, acredito que o ato de falar (poeticamente) em nada impediu e foi até necessário para confirmar a *proibição* (socialmente consagrada) contra o homossexualismo. Na cena heterossexual, ao contrário, cria-se compaixão pelo personagem reprimido na sua prática sexual, por se negar o que ele necessita tanto; como isso, confirma-se evidentemente a *legitimidade* dessa prática sexual. Mas no choque dos contrários, essa legitimidade facilmente se transforma em *legitimidade exclusiva:* hetero contra homo. A esse respeito, existe uma objeção muito comum se bem que bastante ingênua: por que o herói *teria* forçosamente que ser homossexual? (e diriam que estou exigindo isso). Eu acharia mais inteligente e criativo perguntar por que os personagens ficcionais *sempre* têm que ser heterossexuais e geralmente fanáticos. Neste caso específico, inclusive, seria de se esperar uma análise mínima da questão homossexual, tão exacerbada dentro das prisões; e o filme passa por cima dela. Por quê? Seria mera casualidade que os sonetos homossexuais de Shakespeare fiquem tão ciosamente engavetados, enquanto seu Romeu e Julieta corra mundo e séculos, tão elogiosamente? (Não somos nós os oprimidos que ficamos paranóicos e inventamos as opressões: elas são de fato traçadas e perpetuadas pela ordem social que dá à heterossexualidade o papel de dragão defensor do *statu quo*.) Em resumo, o fugaz lirismo homossexual do filme em questão me parece cínico, como se o diretor dissesse: é bonito, eu até gosto, mas definitivamente não posso; ou melhor, vocês não podem. Com isso, tenho a impressão que o autor joga merda na cara dos espectadores, em nome da liberdade. E, proclamando a libertação, aliena.

PS: Lamentando que a reflexão seja tão cacete, quebro aqui minha imunidade e sugiro a poesia nas camas de cada dia. Mas atenção: nem assim meu artigo é totalmente aquilo que foi dito aqui. Mesmo quando quero "apenas" propor algumas reflexões críticas, implicitamente estou utilizando *este* jornal (meu poder sobre os que me lêem) para veicular a *minha* opinião, que se pretende libertária. Isso significa que, sem ilusões, eu também estou *impondo* — indiretamente, suavemente, mas sem dúvida me valendo de certos privilégios indiscutíveis. Quer dizer, adeus às ilusões de liberdade. Convém fazer a crítica da crítica da crítica. Isso se chama: quebrar o círculo vicioso da repressão ou não deixar que ele se feche por meu intermédio. A ficção não pode matar a vida. (A música de fundo ainda é a marcha nupcial).

"Gargalhada final"

Com uma rápida passagem pelas telas cariocas, *Gargalhada Final*, de Xavier de Oliveira, conseguiu receber vários elogios da crítica especializada. Infelizmente esta produção não recebeu uma calorosa recepção pelo público em geral, ficou pouco tempo num razoável número de cinemas, e logo após passou a ser exibido em apenas uma casa de espetáculo: o cinema Jóia.

A história gira em torno de um pai (o falecido Fregolente) e um filho (Stepan Nercessian,) na foto ao lado que abandonam suas atividades circenses para terminarem a sorte na cidade grande. É um tema fascinante, principalmente porque os artistas de circos também fazem parte de uma minoria que ainda luta pela manutenção de suas atividades lúdicas populares.

Além dos atores citados acima participam também Denise Bandeira, Leila Cravo, Jota Barroso, entre outros. Um outro destaque da produção é a presença do fotógrafo Ruy Santos, que através de muitos trabalhos, conseguiu ótimos resultados, se tornando um dos técnicos mais solicitados do cinema brasileiro.

Quando este filme for apresentado nas outras cidades, vale a recomendação de Lampião para que apóiem este excelente trabalho de Xavier de Oliveira. (Adão Acosta).

a peça

"Mural Mulher": um relatório bem vivo

O ambiente era puramente feminino: alguém procurava uma saia, outra experimentava um traje, uma terceira, uma senhora, anunciava que "na geladeira tinha frutas e leite". Mas, cercado por várias mulheres no escritório do Teatro Opinião — e embora falando sobre elas —, o entrevistado era mesmo um homem: João das Neves, o premiadíssimo autor de *O Último Carro*, às vésperas da estréia (quando deu essa entrevista) do seu mais novo espetáculo: *Mural Mulher*.

Mural Mulher é um relatório vivo, que expõe situações da mulher brasileira. É fruto de uma pesquisa feita entre elas, mas, ao contrário do *Relatório Hite*, por exemplo, não tem o objetivo de causar escândalo, e sim, de levar à reflexão, nestes novos tempos em que a mulher luta pelo direito de falar de si e dos seus próprios problemas. Há uma contradição no fato de que essa pesquisa feita por mulheres acabe tendo um homem como editor? Há sim, embora este homem tenha o talento de João das Neves. Mas isso não invalida o trabalho. À entrevista, pois.
(Adão Acosta)

João das Neves (acima), autor/ diretor, e suas atrizes/ pesquisadoras no ensaio de "Mural Mulher", no Teatro Opinião

LAMPIÃO — Qual foi o seu último trabalho?

João das Neves — "O Último Carro". Depois da temporada no Rio fomos para São Paulo, no Pavilhão da Bienal, onde o espetáculo teve boa aceitação.

LAMPIÃO — Agora você estréia um novo trabalho, "Mural Mulher". Como será esta peça?

João — "Mural Mulher" foi escrita depois de minha viagem à Alemanha, onde passei sete meses. É uma reportagem com a proposta de levantar a situação da mulher no Brasil. O ponto de partida foram várias entrevistas feitas por seis mulheres. Elas se dividiram e procuraram várias camadas sociais. Assim, fizeram entrevistas com empregadas domésticas, donas de casa, prostitutas, etc.

LAMPIÃO — E qual a intenção deste trabalho?

João — A intenção é de abordar a problemática da mulher em dois planos: o primeiro como se fosse um documento, e o segundo, criando toda uma dramaturgia.

LAMPIÃO — As entrevistas eram dirigidas?

João — Não. Elas serviam como uma motivação para que se encadeasse assuntos, etc... O resultado foi que esta documentação transcendeu a proposta inicial. Abrangeu mais do que a problemática da mulher. Ela mostra as relações sexuais entre opressor e oprimido, chegando à opressão das opressões, como acontece no caso da mulher negra. Este trabalho nos deu a chance de ver que a mulher negra possui uma problemática ainda mais complexa, a qual poderia, por si só, merecer uma discussão especial; e é isso o que vamos fazer, em outro espetáculo, após "Mural Mulher".

LAMPIÃO — Quais foram as perguntas fundamentais do questionário?

João — A mulher e o trabalho; qual o significado da mulher na sociedade; aos poucos elas nos davam essas informações.

LAMPIÃO — Houve alguma surpresa para você?

João — Houve alguns depoimentos surpreendentes. Muitas pessoas se colocaram à disposição, prontas para mexer com seus problemas interiores, como forma de contribuição, o que é muito bom. Mas também tivemos que enfrentar algumas, que não queriam dar entrevistas. De um modo geral obtivemos um bom rendimento; chegou a haver entrevistas com mais de uma hora de duração.

LAMPIÃO — Quantas mulheres participaram do espetáculo?

João — Nove. Elas se dividem em vários papéis.

LAMPIÃO — Tem alguma mulher negra?

João — Sim. Mas ela não terá a obrigatoriedade de fazer o papel exclusivo da mulher negra. Como já falei antes, o espetáculo é bem abrangente, fazendo com que a linguagem seja irrestrita.

LAMPIÃO — Qual foi a reivindicação mais comum, entre as mulheres ouvidas?

João — Foi em relação ao sexo. Elas falaram de suas relações sexuais. Não do ato em si, mas sim, de suas posições perante o sexo. O fato de que são manipuladas como objetos sexuais, por exemplo. E é exatamente aí que entra a grande abrangência, pois então chegamos aos depoimentos das mulheres em relação ao homossexualismo feminino. Nos depoimentos o homossexualismo foi abordado de forma natural, e isso transparece no espetáculo, no qual ele é discutido com a mesma naturalidade.

LAMPIÃO — Quanto tempo levou este trabalho?

João — Quatro meses. Começamos os ensaios sem o texto, e no decorrer do trabalho, fui criando uma linguagem teatral até chegar ao texto final, que levou um mês para ser elaborado.

"Travessia" sem eco

Na noite de domingo, 27 de maio, os bares de Brasília fecharam-se, uma grande e variada massa dirigiu-se para o Ginásio de Esportes, construção faraônica que fica bem ao lado do Palácio do Buriti, e as luzes se apagaram para a grande abertura: Milton Nascimento ia, enfim, cantar. E não ia apenas cantar, tocar e dançar como ia também quebrar um bloqueio que o manteve longe da capital desde o início de sua carreira. Há alguns anos atrás (arrisco 1976 mas não tenho certeza nenhuma) estava tudo pronto para o seu show quando os ânimos dos brasilienses receberam um balde d'água fria: o Milton não podia mais vir, o espetáculo havia sido proibido de última hora e os prejuízos ficariam mesmo por conta dos produtores.

Por isto e por causa das 25 mil pessoas que lotaram o Ginásio (uma ousadia, considerando o descrédito em que caiu a construção civil brasileira) foi que o Milton, nas poucas horas em que conseguiu ser ouvido, disse que aquele era o show mais importante da vida dele. Mas é muito provável que tenha mudado de opinião no final.

Porque, na verdade, não houve show. Houve histeria, calor, desrespeito e violência. O que, convenhamos, é muito pelo prazer de meia dúzia de músicas que qualquer disco dele oferece com mais qualidade. Isto sem considerar que uma boa parte da platéia nem sequer conseguiu vê-lo, escondido que estava atrás de uma montanha de caixas de som. Ainda bem que não houve microfonia.

Foi um show de pecados: pecou o povo desta cidade que quis experimentar em uma noite o que não viveu nestes últimos dez anos, pecou a produção que calculou mal — ou então nem calculou — as proporções do espetáculo e pecou Milton Nascimento que ficou calado demais. Quando o público invadiu a passarela que havia sobrado do Concurso de Miss Brasília, acontecido na noite anterior, e a polícia subiu atrás com pontapés e cassetetes, Milton Nascimento tinha o quase santo dever de dizer alguma coisa. Não que se esperasse dele um pronunciamento de forte teor político ou propostas de engajamento, mas que exigisse respeito pelo seu público, porque, afinal de contas, era por causa dele que as 25 mil pessoas estavam ali. Mas parece que ninguém sabe mais dimensionar as coisas. Querem outro exemplo? Uma voz (que eu, pelo menos, não identifiquei) avisou que ou sentava todo mundo ou a première *brasiliense do Milton acabava ali mesmo. Ora, respondi eu, infelizmente longe dos possantes microfones, eu pago uma considerável pequena fortuna (os ingressos iam dos cem aos duzentos cruzeiros) e venho ouvir desaforos de alguém acostumado a tomar atitudes à revelia do povo? Eu estava decidido: se o espetáculo parasse, haveriam de devolver o meu dinheiro ou então outro tipo de pau ia correr solto.*

Em meio a tudo isto (e muito mais: os holofotes quase caíram, uma moça muito doida dançou e rebolou sobre a cabeça de Milton, bêbados rolaram as perigosas e desconfortáveis arquibancadas e ossos foram quebrados) o espetáculo tentou se impor em um curto espaço de uma hora e meia, onde até músicas foram repetidas. Não fossem os contratempos, a coisas poderia ter sido bem mais emocionante, como quase foi quando o velho Milton Nascimento cantou Travessia e as 25 mil pessoas cantaram junto. Mas durou pouco porque a polícia logo encontrou alguém fazendo não sei o quê de errado e baixou o cacete e o povo mudou o coro: filho da puta, filho da puta. O cantor, talvez para não cantar a palavra errada, ficou apenas de boca calada, esperando o silêncio.

De forma que este não deve ter sido mesmo o show mais importante da vida de Milton Nascimento. Mas pode ter sido o mais curto já que durou apenas uma noite e todo o mundo foi embora deixando o povo de cá com leve suspeita de que algo saiu errado e correndo atrás do avião: voltem, rapazes, que o show ainda nem começou.
(Alexandre Ribondi)

RAPAZ MODERNO, 27 anos, instrução superior, bacharel em psicologia e bacharel em teologia, boa formação moral e religiosa, sem preconceitos quanto a sexo, religião, cor e nível social, deseja entrar em contato com jovens do Brasil e do exterior para troca de relacionamento. Cartas acompanhadas de fotografia para Caixa Postal 21181, CEP 20083, Rio de Janeiro, RJ.

CARTAS NA MESA

O drama do Cacá

Lampião! Tive um enorme prazer em conhecê-lo ontem. Eu estou de mal com a vida, porque o meu anjo bom se foi para sempre, mas apareceu uma amiga e o deixou em minhas mãos, e disse-me com um sorriso maroto: "Cacá, enxugue as lágrimas e curta o LAMPIÃO, ele vai iluminar o seu coraçãozinho; este jornal poderá lhe devolver suas esperanças pela morte do seu caso!"

Lampiãozinho, gostei muito de você, estou pensando numa assinatura, mas espere mais uns dias, porque estou de mudanças para outro bairro, o meu apto. está quase que vazio, não, não estou suportando tanta solidão. De mais a mais, eu vou lhes mandar o meu novo endereço. Se quiseres mandar-me uma frase de consolo o meu coração estará aguardando.

Lampa, eu jamais pensei passar por esta, a minha querida Maria Cristina não foi forte o suficiente para aguentar a barra. Ela estava até reagindo bem, o acidente foi no dia 7 de março, até o dia 22 do mês anterior ela estava quase que boa. Mas os médicos não me enganaram, disseram que a situação dela era muito grave.

Quando o ônibus bateu na porta do meu carro, a porta direita abriu e a coitadinha caiu com a cabeça na sarjeta, sofreu uma fratura craniana nas proximidades da nuca, ficou um hematoma devido à pancada, quebrou o pé esquerdo, levou vinte e oito pontos no braço, não quero nem lembrar... Eu, quando senti a pancada, soltei tudo, volante, marcha, puxei o freio de mão, graças a Deus o carro jogou a traseira e com isso evitei que o Corcel capotasse, se isso acontecesse não sobraria nem eu para contar a história, mas eu queria ter morrido com ela, seria melhor, pelo menos não estaria sofrendo tanto agora, isso sem contar as noites que passava no hospital.

Eu só quebrei uma costela, tirei a coluna do lugar, e uns pontos na cara, mas diante do sofrimento de Maria Cristina, eu nem sentia minhas dores. Quando o estado dela piorou, eu passava dez horas ao lado de sua cama, à noite eu ia para o Cachação, Ferros Bar, Dinossauru's, até que o dia surgisse, eu pegava um táxi e ia para o lado dela. Só ia para o nosso apto. para tomar banho, pegar camisolas para ela, e mandar as roupas sujas para a lavanderia.

Depois de quase dois meses minhas esperanças eram tão fortes que eu delirava com o restabelecimento dela, até que na madrugada do dia 22 de maio ela sofreu uma parada cardíaca, derrame cerebral, durante uma cirurgia, transfusão de sangue, o meu anjo se foi para sempre: eu a perdi. Fiz o que pude e o que não deveria fazer, mas para vê-la viva eu vendia se fosse preciso a minha alma, talvez ela iria sofrer mais se sobrevivesse, ficaria com defeitos físicos e psicológicos. Mesmo assim, ela ainda era a minha Maria Cristina de corpo e alma, mesmo que ela só respirasse e mantivesse o espírito no seu lindo corpo, ela seria a mesma e mais amada mulher que já existiu em minha vida.

Nós nos amamos desde que nos vimos pela primeira vez, depois de dois dias começamos nosso caso, e esse durou até a morte, ela foi minha rainha por três anos (1095 dias) de felicidades, eu fui a sua heroína até seu último suspiro.

É, Lampa. Desculpe, tá, eu te contar tudo isso, mas você me deu um pouco de coragem. Desculpe essa letra horrível, eu estou com o braço direito imobilizado, com gesso da virilha até o pescoço, mas acho que a vida, ao mesmo tempo, tem que ser tocada para frente. Me escreva, por favor.

Um abraço de

Cacá — São Paulo.

R. — Olha, Cacá, não vale a pena tentar dizer coisas bonitas a você, porque você já é uma das coisas mais bonitas que pintaram nestes 14 números de LAMPIÃO. É isso mesmo que você diz: A VIDA TEM QUE SER TOCADA PRA FRENTE. Estamos muito, muito mesmo, com você. Nosso pessoal em São Paulo já está com sua carta. Aguarde notícias. Outro abraço pra você.

Mulheres mil

Amores, olha aí: renovem minha assinatura correndo, que parece que o mulherio resolveu botar a boca no mundo — e essa eu não quero deixar de acompanhar de jeito nenhum. Tá certo, eu admito que sou uma "lampiônica relapsa", que não compareci ao Bixórdia, que não mandei a colaboração prometida há mais de um ano... mas propaganda do jornal eu faço. E devoro-o, ávida, no momento em que ele chega. Isso desde o número zero. Até agora não me decepcionei. Muito pelo contrário, o que vem comprovar aquilo que eu sempre pensei: o que se precisava era de um veículo pra mostrar que PODE!!! E como!!! Os parabéns pelo primeiro aniversário aí vão: considerem-se todos beijados carinhosamente na testa. E milhões de votos de muitos anos de resistência e bom nível. Sem mais, kisses (faço gosto no "caso/nanico" entre LAMPIÃO e o Pasquim: faço questão de ser madrinha),

Nica Bonfim — Rio.

Estimadas pessoas, espero que tudo esteja bem com vocês. Eu? não vou muito bem, não tenho tido notícias do Brasil e, para piorar meu humor, não recebi o LAMPIÃO de maio, não sei o que aconteceu; será que todos estão em greve? Será que o "vento iraniano" está soprando aí? Bem, de qualquer forma, continuarei esperando qualquer notícia agradável, desejo pra vocês tudo de maravilha, uma beijoca gostosa daquela que deixa a marca discreta e suave do baton em cada um. Love.

Addy — Londres.

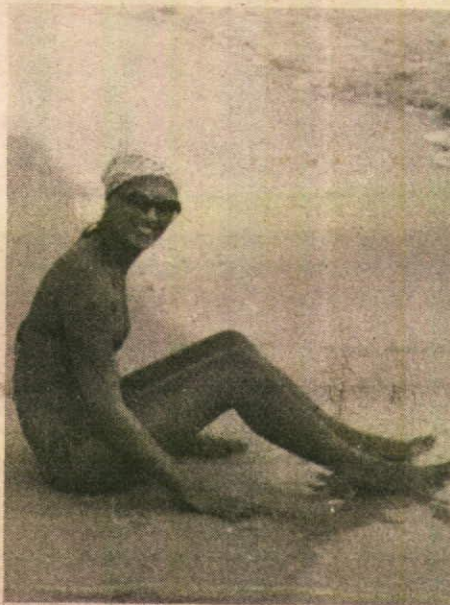
Ao pessoal todo: sou leitora do LAMPIÃO, e levo a vocês meu apoio e incentivo para que tenhamos sempre essa coragem, essa tenacidade. A reportagem de maio sobre lesbianismo agradou-me demais. Parabéns, turma. Ainda não encontrei em LAMPIÃO o roteiro sobre boates e lugares de encontro de homossexuais femininos. Talvez porque tenha deixado de adquirir uns números. Por favor, poderiam informar-me? Tenho necessidade de contatar com o pessoal, fazer amizades, enfim, transar. Queridos, todo o meu amor a vocês, e grata pela atenção dispensada.

Marta G. — Petrópolis.

Queridos amigos: estou entusiasmada com o "nanico": está cada vez melhor. Um jornal inteligente, participante, sem preconceitos nem tabus, com grande consciência de problemas sociais, procurando sempre a integração e conscientização das chamadas minorias. Todos falam em direitos humanos, e esquecem que a liberdade de ser o que se é, sem mentiras, ser gente, é um dos principais itens que deveriam ser abordados. O nº 12 estava ótimo, pois finalmente as mulheres começaram a participar. Bem, pessoal, agora vou fazer alguns pedidos, OK?

1) Quero pedir que vocês publiquem um roteiro feminino guei, mas daqui do Rio, com bares, boates, saunas, etc... Em geral, vocês publicam lugares de São Paulo. E nós, do Rio, nada? Dêem um apertão de orelha na moçada, pessoal. Vou ficar esperando. 2) Uma entrevista com Ângela Leal; ela é muito bacana. 3) Gostaria de ver uma reportagem focalizando o problema dos bailarinos do sexo masculino no Brasil. Seria muito interessante, uma análise sobre os preconceitos e pressões que enfrentam. 4) Entrevista com Silvinho ou Toni Ferreira. Ufa! Chega de tanto pedir. Beijos, abraços carinhosos.

Renata L. — Rio.

R. — Ufa! Como diria um machão enfarado, "essas mulheres são terríveis". Aí vão as respostas. Nica: beijos e elogios retribuídos, querida; o caso entre LAMPIÃO e o Pasquim está num impasse: ninguém quer ficar por baixo... Mas isso se resolve, não é? Addy: não recebeu o n.º 12, darling? Vamos mandar um correndo pra você, aí nas terras da Bebeth e da Margareth. O post-scriptum da sua carta a gente não publica — "of course" —, mas achamos gostosíssimo: viva a legalidade! Marta: aí, só deu pra sair o roteiro de São Paulo. Tá bom, a gente concordaa: somos muito relapsos. Mas você tenha paciência conosco, tá? Renata: em relação ao primeiro pedido, a resposta já está acima; Ângela Leal apenas bacana? Muito mais que isso, ela é bacanérrima; a matéria sobre os bailarinos é interessante: sugestão anotada, vamos fazer; Silvinho e Toni fazem parte de nossa extensa lista de futuros entrevistados.

Ai, que gatão!

Queridos: adoro vocês, realmente o mundo guei estava precisando de gente como vocês, o jornalzão de vocês é uma maravilha, ficaria muito feliz se vocês publicassem a minha foto, já que não sou muito de escrever seria como uma colaboração com a seção "Cartas na Mesa". Beijocas.

Albérico Satvro — Recife.

R. — *Está feita a sua vontade, Albérico. Aí está a sua foto, bancando a gatinha nas areias da praia de Boa Viagem. Mas ao pessoal que vai ter a mesma idéia, a gente avisa desde já: se a gente começar a publicar fotos de leitores, não vai sobrar espaço para mais nada...*

Qual é a do SESC?

Somos assinantes e leitores assíduos deste elucidante jornal. Vocês estão de parabéns pela abertura, franqueza, cuidado e bom senso ao tratar de um assunto tão importante, tão nobre como é esse (o homossexualismo no seu todo). Mas o propósito desta cartinha é criticar severamente a forma como foram vendidos os ingressos para o grande e fabuloso show do Ney Matogrosso aqui em São Paulo. O SESC, entidade que reúne milhares de associados — os comerciários — cobrava Cr$ 200,00 pelo preço normal — até aí muito justo, o show vale muito mais; e Cr$ 60,00 o ingresso para os associados. Só que há um detalhe: Não HAVIA ingresso para associados!

Estivemos lá várias vezes antes da venda, antes do show nada. A resposta era sempre: "Não estamos vendendo ainda. Voltem depois! "Depois, quando começou o show, já estava esgotada a cota dos associados. Em síntese: não se conseguiu comprar ingressos para o show de Ney. A não ser que se pagasse as 200 pratas exigidas pelo teatro. Isto, para nós, é uma verdadeira sem-vergonhice, uma verdadeira exploração do povo! E quem diria, logo o SESC! Protestos mil, de toda a juventude guei e não guei paulista. Abraços de

Flávio Carlos e Luís Antônio — São Paulo.

CARTAS NA MESA

Sobre os travestis

Caros senhores do conselho editorial do LAMPIÃO: sendo a primeira vez que tomo a liberdade de escrever para o seu jornal; sendo seu leitor desde o primeiro número; venho ressaltar meus elogios a esse grande jornal guei, também escrito pelos maiores cobras da inteligência número um do Brasil, como Darcy Penteado, Antônio Chrysóstomo, Adão Acosta, Aguinaldo Silva, etc. É isso mesmo: temos que mostrar que os homossexuais são pessoas inteligentes.

Eu não me considero um guei inteligente, mas também não me considero burro; nunca tive oportunidade de fazer faculdade e freqüentar os melhores colégios; e não nasci em berço de ouro, e sim de uma família humilde do interior do Paraná. Parti para Curitiba ainda muito garoto; fiz um curso de cabeleireiro e fui bem sucedido. De Curitiba fui contratado para pentear grandes cabeças na África do Sul, Johannesburg; em seguida, Paris, Roma, Barcelona, Zurique, etc., atualmente, divido minha profissão com a de relações públicas.

Apesar de não conhecer nenhum de vocês pessoalmente, mas sim, por fotos, aí vai um pequeno protesto: não concordo com a discriminação que vocês fazem contra os travestis. Não sou um deles, mas no carnaval bem que gostaria de fazer uma Carmem Miranda. No nº 13 do LAMPIÃO, Darcy, por quem tenho grande respeito, faz grandes elogios às bichas portuguesas; porque será que os brasileiros dão mais valor aos estrangeiros? Sempre o LAMPIÃO escreve mal sobre os travestis brasileiros; que têm plástica ou são cheios de silicone, etc.. Não vêm o lado artístico deles — isso sem falar de Valéria ou Rogéria. Eu só sou contra esses que andam na Vieira Souto ou na Lapa de navalha e gilete, praticando assaltos. Esses são caso de polícia. Agora eu pergunto: travesti não é homossexual? Ou não é guei? Ficaria grato se vocês me esclarecessem.

E desculpem se não fui muito claro: como sou leitor assíduo deste jornal, achei justo pedir uma informação, para que meus amigos não ficassem confusos. Como trabalho num grande hotel do Rio há quase três anos, estou sempre recebendo gueis de toda a parte do mundo, e indico a eles o nosso jornal. Um cordial abraço para todos vocês.

Jairo Ramos __ Rio.

R. __ Quando a gente diz que alguns travestis brasileiros se submetem a plásticas ou a implante de silicone, estamos fazendo uma constatação, e não uma crítica, Jairo. Não sei de onde saiu essa história de que nós somos contra os travestis; o problema é que existem homossexuais para todos os gostos, e o jornal procura mostrar isso, falando de todos os tipos, inclusive dos travestis. Quanto a Darcy, que escreveu no número anterior sobre as bichas portuguesas, você não deve esquecer que foi ele quem transformou Vera Abelha, um travesti brasileiro numa atriz, tornando-a estrela de sua peça encenada em São Paulo, "A Engrenagem do Meio." A questão, também, é que a gente acha que o simples fato de uma pessoa ser travesti não basta para transformá-la em notícia, dentro de um jornal guei. Mas quando houve motivo para isso, nós falamos de travestis com o devido destaque. Um exemplo: no nosso nº 10, o assunto mais importante da capa era Veruska, que sofria pressões do síndico, no prédio onde morava. Obrigado por divulgar LAMPIÃO no hotel onde você trabalha, tá?

Muito ótimo!

Lampiônicos mais do que queridos: a carta vai um pouco atrasada, talvez, mas só agora tenho tempo. A principal finalidade dela é renovar minha assinatura (vale postal) e falar algumas coisas. 1) Os últimos Lampiões estão incrivelmente ótimos (só as capas estão escuras e as cores estão feias), com conteúdos esplêndidos. 2) A manifestação lésbica me comoveu bastante. Eu sempre tive uma atração muito forte por mulheres homossexuais (Freud explica?) e a leitura daqueles depoimentos só veio aumentá-la.

Acho que já está em tempo de homossexuais, femininos e masculinos, descobrirem que fazemos parte de um mesmo grupo de pessoas discriminadas, e que estamos na mesma canoa. Em outras palavras, se nós não nos unirmos contra os preconceitos, afundaremos todos juntos. Sugiro também a vocês fazerem (não sei exatamente como) uma reportagem ou um estudo que fale sobre o preconceito muito comum: homens homo, discriminam mulheres lésbicas e vice-versa. Isso é um fato que não deve ser deixado de parte, como se não existisse.

3) Uma carta de não sei quem, diz que não deve ter em LAMPIÃO assuntos sobre mulheres (ao que vocês responderam parternalisticamente que "nenhum outro jornal teria a coragem de fazê-lo"); devia ser respondida "mais ativamente". As mulheres, como nós homossexuais, são discriminadas de igual forma: somos postos para termos uma vida de segunda classe, mal vivida, torpe, e é unidos, ou pelo menos tentando a união; que conseguiremos vitórias significativas. A atitude do cara que escreveu a carta é tão preconceituosa quanto a de feministas (aspas, aspas) que dizem que o movimento homossexual não tem nada a ver.

4) O Grupo *Somos* deve continuar escrevendo no LAMPIÃO: é uma fonte a mais, assim como as opiniões e escritos de leitores devem ser acatadas. Acredito que, mostrando vários ângulos sob diversos aspectos e pontos de vista, estaremos atingindo o objetivo: a coesão. Pelo menos teoricamente.

5) Ainda não parabenizei Celso Cúri: meu beijo, Celsinho, por sua coragem e vitória. 6) Já está em tempo de vocês darem uma arraso nas recentes publicações guei tipo Manchete e Masters & Johnson, que o fazem por mero consumismo capitalista. Afinal, o gueísmo agora virou produto de supermercado. 7) As fotos de homens estão ótimas. Rachados: cadê a vez das lésbicas, juntas, aos beijos? 8) Sugestão: por que vocês não começam a entrevistar pessoas altamente antigueis, tentando discutir os pontos de vista delas? Acho que é uma forma objetiva de cortar o mal pela raiz. Mostrando que os argumentos delas são parcos e fracos, mostram a nossa força.
9) A entrevista do rabino guei e o depoimento do padre estavam incríveis. Pessoas assim dá vontade de beijar, beijar e beijar, e achar que o mundo está sendo humano, pelo menos de vez em quando, e que há esperança nos homens. 10) Ainda não publicaram em LAMPIÃO um roteiro guei de Salvador. Por isso estou lhes mandando um. Beijos do
Paulo Emanuel — Salvador.

R. __ Paulinho (ex-fabíôlo dorô), a gente fica eternamente grato pelo roteiro e aproveita para pedir a outros leitores/colaboradores: mandem roteiros gueis de suas cidades, assim no estilo deste de Salvador (veja nesta edição), que a gente publica. Respotinhas: item 3: porque "paternalisticamente", pombas? O leitor em questão dizia que a gente devia deixar as matérias sobre mulheres para outros jornais; nós respondemos que "aquele" material, nenhum outro jornal publicaria; claro que não: quando se trata de Mulher, são todos uns machões fascistas! E também não havia preconceito na carta do tal leitor, mas sim, uma certa ingenuidade: dava pra sentir que ele ainda não tinha sacado nada sobre a identidade que existe entre os movimentos guei e feminista, só isso.
Item 6: Manchete e outras tais que sempre publicaram matérias sobre homossexualismo, Paulinho. O fato de haver mudado o enfoque __ o assunto agora é tratado com "dignidade" __ não deixa de ser um progresso; não sejamos tão hidrófobos. Time também deu uma capa sobre o assunto. A objetividade da chamada grande imprensa é sempre suspeita (o Time não hesitaria em pôr, no meio da matéria sobre o mundo guei, um anúncio colorido e de página inteira da vasilina Serendipity).

Retratos falados

Meus queridos: estou convivendo com vocês há 13 meses. Me acostumei a, todos os meses, abrir minha porta, pra vocês, sempre na primeira semana do mês, e a conversar com vocês, através do que vocês escrevem. Essa carta é uma maneira de manter o nosso diálogo — eu também quero falar.

Queri falar primeiro com Darcy Penteado; você, Darcy, é um sábio. Já o conheço de fotos, e acho você uma pessoa muito bonita; bonita não apenas fisicamente, você tem uma beleza interior que transparece, que está bem à vista. E isso também está no que você escreve: seus artigos, mesmo àqueles mais irônicos, revelam um amor, uma ternura pelo seu semelhante, que é comovente.

Já você, João Silvério Trevisan, tenta de todo modo esconder sentimentos como esse; você finge que é durão, casmurro, mas eu não acredito em você, viu? Aposto que você chora por qualquer coisa — por exemplo: aposto que você se emociona até às lágrimas com essa beleza interior do Darcy, quando ela se torna muito evidente...

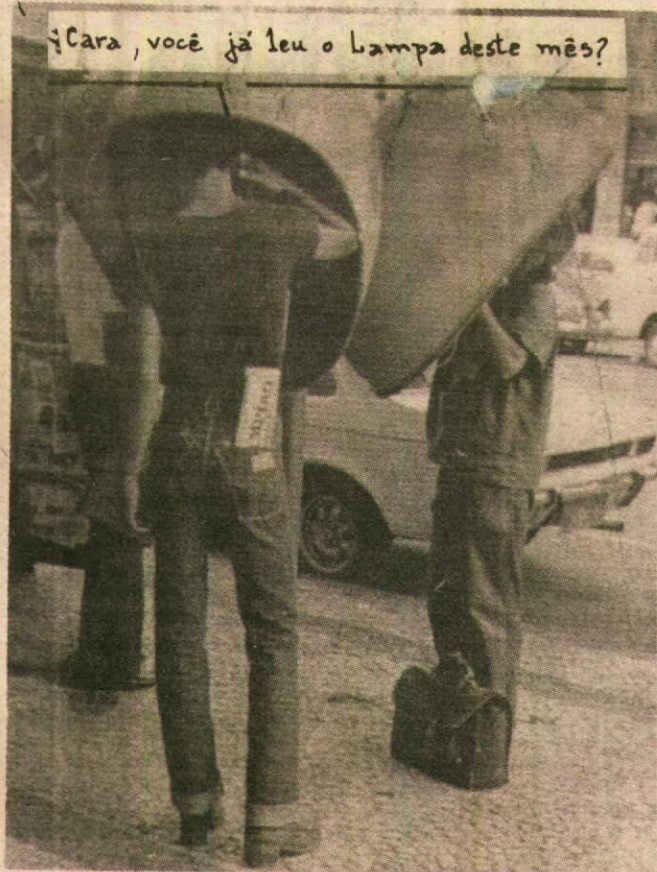
Aguinaldo Silva é como se fosse uma navalha; esse aí não tem muito tempo para ternuras — ele é um bisturi de corte preciso e rápido; quem merece a sua crítica ferrenha nunca mais se torna o mesmo

Francisco Bittencourt é o requinte; esse deve escrever a máquina como se participasse de uma luta de esgrima — e ele sempre vence; como Aguinaldo, ele também é impiedoso; mas nunca via tão longe, sempre deixa uma brechincha pra que as pessoas escapem, é como se dissesse: "afinal, errar é humano".

Adão Acosta dever ser o mais jovem de todos; ele ainda não tem a segurança dos outros, a gente sente que, no que ele escreve, ainda há muito de procura de um caminho. Clóvis Marques (ele só faz traduções?) é um tradutor de primeiríssima, capaz de adptar o estilo do autor que está traduzindo à perfeição.

Antônio Chrysóstomo é a elegância em pessoa; dá pra reconhecer o estilo dele até nas matérias que ele não assina: é de primeira ordem.

Faltou Peter Fry (li pouca coisa dele) e Jean-Claude Bernardet. Este último eu conheço (e admiro) de outros jornais: quando é que ele vai se passar para o lado de LAMPIÃO?

José Ramalho da Costa — Recife.

ESTE CONTO DE DARCY PENTEADO — UM TEXTO DELICIOSAMENTE IRÔNICO — FAZ PARTE DO SEU NOVO LIVRO, "TEOREMAMBO", QUE A EDITORA CULTURA, DE SÃO PAULO, ACABA DE PUBLICAR. O LANÇAMENTO DO LIVRO, ANUNCIADO EM NOSSO NÚMERO ANTERIOR, FOI ADIADO: SERÁ NO DIA 23 DE JULHO, NO MESMO LOCAL — HAPPY DAYS, NA AVENIDA BRIGADEIRO FARIA LIMA, 613, 1.º ANDAR, A PARTIR DAS 21 HORAS. TODOS OS LAMPIÔNICOS, BEM COMO OS SEUS AFINS FICAM AQUI CONVIDADOS.

E de repente, uma onda de luz deslumbrou os seus olhos: o tumulo abrira-se e uma criatura resplandecente sahia d'elle

A fada madrinha

Era uma vez um decorador chamado Cláudio, que morava numa grande cidade. Cláudio tinha tudo que alguém poderia desejar: era bonito, simpático, inteligente, possuía bons dentes, bastante cabelo, também talento e bom gosto, portanto, havia conseguido razoável situação econômica e bom nome profissional; era ainda bastante jovem, próximo dos trinta e, se tudo isto não bastasse, fazia muito sucesso em todo lugar onde estivesse. Reconheçamos que devia boa parte desse sucesso à sua querida Fada Madrinha: logo após o nascimento ela o tocara com a varinha de condão, dotando-o de uma série de qualidades e livrando-o, desde pequenino, daquela enormidade de males que ocorrem a todos os bebês, como tosse cumprida, cachumba, sarampo, amigdalites, sapinho e principalmente mau olhado.

Cláudio crescera portanto, sem problemas, supervisionado à distância pela madrinha, que por ser uma senhora muito ocupada, só de vez em quando descia à Terra para revê-lo e renovar os toques de varinha naquilo que fosse necessário. Como tudo corria bastante bem, a varinha funcionava pró-forma, só mesmo para manter vivo o encantamento.

Acontece que as fadas são assexuadas e, pela circunstância do cargo, são muito ingênuas. Esta não era uma excessão, ao contrário, e não lhe passava até então pela encantada cabeça qualquer preocupação sobre sexo, fosse consigo mesma ou com os demais humanos ou não. Razão porque se conscientizou a sexualidade do afilhado quando este já era homem feito e surpreendeu-o na cama com outro rapaz, também muito bonito e agradável, chamado Geraldo. Apesar da situação homossexual ser evidente de não deixar dúvidas a qualquer ser humano, é preciso não esquecer que ela era uma fada e das mais desligadas da realidade, portanto, na dúvida se aquele era o jeito certo de alguém dormir com alguém, consultou outras fadas mais velhas e mais experientes.

Qualquer pessoa um pouco atualizada tomaria o fato como normal, mas a maioria das fadas e bruxos é retrógrada pelo próprio instinto de conservação, e a opinião quase geral foi que Cláudio estava confuso nos seus relacionamentos sexuais, porque a forma usual entre humanos era com pessoas do sexo oposto e não como Cláudio estava praticando.

Sentindo-se frustrada porque deixara incompleta e deficitária a sua obra, a pobre madrinha sofreu o dilema no fundo do seu coraçãozinho bom de fada. Havia oferecido ao afilhado beleza, saúde, talento e inteligência, ajudara-o a vencer socialmente no mundo dos homens fazendo-o conhecido e benquisto, no entanto, esquecera de dotá-lo daquele tipo de sexualidade que mesmo os humanos menos prendados e mais comuns possuíam. Oh! Que enorme falha cometera!...

Baixou de novo à Terra e como era feita de substância etérea e volátil, indiscretamente atravessou as paredes do apartamento de Cláudio e novamente "flagrou" o afilhado dormindo com o amante.

Para não acordá-lo, tocou levemente o seu sexo com a varinha de condão, transmitindo-lhe, nesse passe encantado, uma dose concentrada de heterossexualidade convicta. Depois, de consciência e coração tranqüilos, retirou da bolsinha a tiracolo um cartãozinho azul e escreveu uma mensagem:

"Meu querido afilhado. Estive aqui enquanto você dormia e dotei-o daquilo que ainda lhe faltava para tornar-se um ser humano perfeito. Lembranças à sua mãe. Muito carinho da madrinha. Blue Gardenia". (Era este o nome dela). Deixou o cartão encostado na lâmpada de cabeceira e soltando um gritinho evaporou-se no ar.

Ao ler o bilhete na manhã seguinte Cláudio não entendeu imediatamente qual seria essa *tal* deficiência, mas quando olhou o companheiro de quatro anos de união deitado na mesma cama, sentiu por ele uma repulsa que quase resultou em vômito: lembrou-se que na noite anterior haviam feito sexo e que dormiram abraçados. A sua sexualidade começava a lutar com a anterior e ele nada podia fazer, mesmo querendo muito bem a Geraldo. "Que merda", pensou. "Com a melhor das intenções a madrinha provocou uma revolução onde tudo estava em paz e ajustado".

Nos dias consecutivos a situação entre os dois rapazes foi ficando tão insuportável que eles decidiram separar-se. Mas a mutação e suas confusas conseqüências não ficaram por aí: o número maior de clientes de Cláudio era de altos-executivos endinheirados que, mesmo sendo ele bonito e charmoso, conheciam a sua convicção homossexual e, sem preocupações, confiavam-lhe as esposas para aqueles momentos de intimidade em que elas e o decorador escolhiam móveis, papéis de parede, acrílicos para os banheiros, livros para a biblioteca, as cortinas, etc... Entenda-se: essa preocupação dos maridos não é pelo medo de serem corneados, mas de que, acontecendo tal coisa, os amigos venham a saber. Esposa saindo com homossexual, tudo tranqüilo. Porém os decoradores que resolvem ser heterossexuais ficam perigosíssimos, como todos sabem.

E foi o que aconteceu: Cláudio sentiu-se atraído por algumas das esposas dos clientes e elas aceitaram ser cortejadas. As outras, as não cortejadas, não quiseram ficar por baixo e, além de lhe passarem grandes "cantadas", anunciaram publicamente que também estavam sendo "papadas" por ele. E assim Cláudio ficou conhecido como o decorador que mais comia as esposas dos maridos pagantes. Desgraça profissional total!...

Também no âmbito familiar Cláudio começou a ter problemas. A mãe, que no princípio relutou em aceitar o filho mais jovem e mais querido como um homossexual, com o passar do tempo foi vendo as vantagens disto. O seu filho mais velho, por exemplo, casara-se e fora absorvido pela família da esposa, dando a ela e à sua viuvez uma atenção apenas necessária e convencional. A filha do meio vivia preocupada com os próprios filhos, os problemas domésticos e com a secretária — amante do marido — "não me separo dele por causa das cinco crianças". Não tinha portanto tempo para dedicar-se à mãe. Cláudio já passara por vários companheiros que eventualmente ela conhecera. Alguns cercavam-na de uma atenção exagerada, na tentativa de conquistar o filho. Ela percebia isto. Porém, Geraldo, esse amante dos últimos quatro anos, tinha por ela um carinho discreto e desinteressado, não pretendendo tirar-lhe nada daquilo que, como mulher e mãe, ela não poderia aceitar que lhe roubassem. Geraldo dava um amor masculino ao seu filho e assim eles não competiam... A mudança repentina de Cláudio, o rompimento com o amigo e a possibilidade de perdê-lo para outra mulher começaram a preocupar a velha senhora.

Os irmãos de Cláudio, ao contrário da mãe, nunca haviam concordado em ter um homossexual na família, nem mesmo um do gênero discreto, como ele era. Quando constataram que o rapaz havia "virado a mão", demonstraram claramente o seu descontentamento; "finalmente você acabou com aquela situação constrangedora para nós e para nossa pobre mãe"; e exigiram que ele os freqüentasse sempre, acompanhados das suas namoradas e amantes — até que despertaram para a nova realidade que sem perceber eles estavam incentivando: com Cláudio solteiro, a herança do pai, mais o que receberia com a morte e ainda o que ele pessoalmente acumulasse, voltaria indiretamente a eles porque seria herdado pelos filhos. Casando-se, conseqüentemente a parte de Cláudio acabaria em outras mãos. Dessa constatação em diante, proibiram que as mulheres de Cláudio freqüentassem suas casas e amaldiçoaram a Fada Madrinha pelo aleijão provocado no seu querido irmão.

Conscientizado da sua homossexualidade, Cláudio havia encontrado nela e com ela o seu próprio equilíbrio. Por isto, ligara-se a grupo de intelectuais "gays" com quem discutia o assunto e reivindicava direitos. Ora, pode-se imaginar a reação que provocou no grupo o "enrustimento" do companheiro. Cláudio teve que afastar-se dos seus anteriormente iguais por discordância de princípios, ao mesmo tempo alienando-se dos heteros porque a sua sensibilidade continuava a mesma e, por mais que se esforçasse, não se ajustava bem ao comportamento machista da maioria que estava à sua volta.

O pobre rapaz, estava quase arruinado profissionalmente, em luta constante com a sua sensibilidade, desapegado dos amigos, fazendo muito sexo, mas sem conseguir, pela própria facilidade, apegar-se a nenhuma mulher; e ... nostálgico da companhia de Geraldo e do tempo que haviam passado juntos. Foi quando finalmente conseguiu um contato imediato de terceiro grau com a Fada Madrinha. Bateram um papo aberto e esta, percebendo o erro que cometera, tocou-o novamente com a varinha de condão. No mesmo instante tudo voltou ao que era antes: sexo, trabalho, dinheiro e amante.

E assim Cláudio e Geraldo esqueceram esse mau momento e foram felizes para o resto da vida.

Darcy Penteado